UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

DANIELLA PEREIRA MARQUES

EFETIVIDADE DA VACINA CONTRA O ROTAVÍRUS E GENÓTIPOS CIRCULANTES NA AMÉRICA LATINA APÓS A INTRODUÇÃO DA VACINA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE

ARACAJU
2015

DANIELLA PEREIRA MARQUES

EFETIVIDADE DA VACINA CONTRA O ROTAVÍRUS E GENÓTIPOS CIRCULANTES NA AMÉRICA LATINA APÓS A INTRODUÇÃO DA VACINA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Medicina.

Orientador: Professor Doutor Ricardo Queiroz Gurgel

ARACAJU

2015

DANIELLA PEREIRA MARQUES

EFETIVIDADE DA VACINA CONTRA O ROTAVÍRUS E GENÓTIPOS CIRCULANTES NA AMÉRICA LATINA APÓS A INTRODUÇÃO DA VACINA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Medicina.

Aprovado em: ____/____/____

_____

Daniella Pereira Marques

Graduanda

_____

Professor Doutor Ricardo Queiroz Gurgel

Orientador

_____

Professor Doutor Marco Antônio Prado Nunes

Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais, às minhas irmãs, fundamentais para que não me fizessem desistir diante das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a força que impulsiona meus dias, que não me fez desistir e sempre me ampara nos momentos difíceis.

A meus pais, detentores do meu maior amor, gratidão, estímulo e respeito. Nunca mediram esforços por minha educação e crescimento pessoal e profissional. Tudo que eu faço é para enchê-los de orgulho. Nem por toda minha vida vou ter como retribuir tamanho amor e sacrifício. Obrigada!

A minhas irmãs, companheiras, incentivadoras e pacientes com minha ausência em alguns momentos. A minha família, em especial a vovó Selma, que me ajuda e me proteje sempre.

Ao meu namorado, Álvaro, companheiro, amigo e paciente em todos os momentos, sempre ao meu quando precisei.

Aos professores, preceptores, funcionários do HU, pois sem eles não seria possível chegar até aqui. Aos professores que incentivam e são exemplo na Medicina, muito obrigada pelos ensinamentos e por mostrar o lado humano, ético e belo da nossa profissão.

A meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Gurgel, pelas experiências científicas na pesquisa do grupo de vírus respiratório, PIBIC e pela orientação na monografia.

A Victor Santos, fundamental para a elaboração nesse trabalho. Obrigada pela getileza em me ajudar, pela paciência em me ensinar um pouco sobre elaboração de trabalhos, pelas coridais reuniões para resolvermos tudo. Um abraço especial para Vanessa.

Aos pacientes, por me permitir conhecer suas histórias, ajudar com minhas palavras e mãos, sentir suas dores/alegrias e, assim, lapidar meu conhecimento. Muito obrigada!

LISTA DE SIGLAS

ELISA- Enzyme-Linked Immunosorbent Assay

IgA – Imunoglobulina A

IgG – Imunoglobulina G

PCR – Reação em cadeia polimerase

NSP1 – No structural protein 1

NSP2 – No structural protein 2

NSP3 – No structural protein 3

NSP4 – No structural protein 4

NSP5 – No structural protein 5

NSP6 – No structural protein 6

RNA – Ácido ribonucléico

RNAdf- Ácido ribonucleico fita dupla

RV-A – Rotavírus A

SES – Secretaria de Estado da Saúde

VP – Viral Protein

WHO – World Health Organization

LISTA DE TABELAS

ARTIGO CIENTÍFICO

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO CIENTÍFICO

SUMÁRIO

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Histórico

O rotavírus é a causa mais comum de doença diarreica grave na infância (GLASS, 2005). Em 1973, Ruth Bishop e colaboradores descreveram partículas virais na mucosa duodenal de crianças com quadro de diarreia aguda não bacteriana. Tal fato foi visualizado pela microscopia eletrônica (BISHOP et al., 1973). Foi inicialmente denominado Orbivírus por sua semelhança morfológica com um gênero anteriormente identificado (KAPIKIAN et al., 2001).

A dupla camada proteica em sua estrutura determinou denominação subsequente de Duovírus. Posteriormente, o termo Rotavírus foi consagrado em graças ao aspecto semelhante ao de uma roda quando vistos à microscopia eletrônica (DAVIDSON et al, 1975; LINHARES et al, 2005). Em 1976, o rotavírus foi identificado no Brasil pelo Dr. Alexandre Linhares, em Belém (LINHARES, 2000).

1.2. Agente etiológico e classificação

O rotavírus pertence à família Reoviridae, gênero Rotavírus. À micrografia eletrônica, a partícula infecciosa apresenta simetria icosaédrica, é desprovido de envelope, e possui aproximadamente 100 nm de diâmetro (ANGEL et al., 2007).

É desprovido de envelope e apresenta capsídeo com três camadas proteicas. O genoma viral possui ácido nucleico de RNA linear, fita dupla, com 11 segmentos e com polaridade positiva. As enzimas requeridas para a transcrição da fita dupla de RNA estão presentes no próprio vírus. Dentre as proteínas estruturais, a VP7 (glicoproteína ou proteína G) e a VP4 (protease clivada ou proteína P) compõem o capsídeo externo e definem o sorotipo viral, além de estarem relacionadas com a indução da reposta imunológica protetora. O capsídeo interno é composto pela VP6, a qual, de acordo com sua especificidade antigênica, permite a classificação dos Rotavírus em sete distintos grupos, designados de A a G (MOLINARO, 2010).

Além das camadas interna e externa, o capsídeo também é formado pelo core, onde estão os 11 segmentos de RNA fita dupla que formam o genoma. Seis

proteínas não estruturais também são codificadas pelos segmentos: NSP1, NSP2, NSP3, NSP4, NSP5 e NSP6 (SANTOS et al., 2008).

A classificação dos rotavírus, a partir da sorologia, é feita em grupos, subgrupos e sorotipos. Sete grupos foram identificados: A, B, C, D, E, F e G, ocorrendo em diversas espécies animais, sendo que os grupos A, B, e C estão associados à doença em humanos (EDUARDO, 2009). O grupo A é o predominante na natureza, está associado à doença no homem e em diversas outras espécies animais (SERRAVALLE, 2007).

Os grupos possuem antígeno comum, que é detectado pela maioria dos testes sorológicos, localizado no componente VP6, na camada média do capsídeo. Esta proteína também determina o subgrupo (I, II, I e II, não I e não II) a qual pertence a cepa (SES, 2008).

Os sorotipos são determinados por duas proteínas (VP4 e VP7) situadas no capsídeo externo (BRAGA et al., 2006).

A VP7 é a glicoproteína que forma a matriz do capsídeo externo, constituindo-se no antígeno dominante na superfície viral, sendo responsável pela determinação dos sorotipos G. Essa glicoproteína também é reconhecida como indutora de anticorpos neutralizantes, incluindo aqueles sorotipo-específicos (WARD et al., 2008).

A VP4 consiste estruturalmente em projeções da matriz proteica, sendo sensível à protease e associada ao genótipo P. Também é indutora de anticorpos neutralizantes, o que confere imunidade protetora em humanos e animais. Uma vez sob clivagem por ação da tripsina pancreática, ela desdobra- se nos componentes antigênicos VP5 e VP8. Estas são associadas à virulência dos rotavírus ao penetrarem na célula (WARD et al., 2008).

Existem 14 sorotipos G (VP7) conhecidos. Destes, dez têm sido descritos como patógenos humanos. Os tipos G1 a G4 constituem a base para o desenvolvimento das vacinas, já que são os mais frequentemente encontrados em todo o mundo. Os tipos G8 e G12 são esporadicamente encontrados. Rotavírus que eram encontrados exclusivamente como patógenos animais, sorotipos G5, G6 e G10, foram isolados em humanos. Nas décadas de 80 e 90 o sorotipo G5 foi encontrado em segmentos da população no Brasil (MORILLO, 2010).

Devido à natureza do genoma dos rotavírus, que possui RNAfd segmentado, este vírus pode evoluir por diferentes mecanismos genéticos. A evolução pode

ocorrer devido ao acúmulo de mutações pontuais ou por mudanças ocasionadas de forma repentina no genoma do vírus. Estas alterações repentinas podem ser determinadas por rearranjos genéticos, reestruturação de segmentos genômicos ou recombinação genética (ESTES et al, 2007).

1.3. Replicação e transmissão viral

A replicação do rotavírus ocorre no citoplasma das microvilosidades do intestino delgado, gerando corpos de inclusão (MOLINARO, 2010). O vírus se localiza principalmente na região proximal do intestino delgado, em particular no jejuno (RAMIG, 2004).

O rotavírus penetra na célula por endocitose, formando vesículas denominadas endossomas. Isto ocorre graças a ativação da VP4, após sua clivagem em duas subunidades a partir da ação de enzimas como elastase, pancreatina e tripsina (GLASS et al, 2006).

Inicialmente, a membrana do endossoma é rompida pelas proteínas da camada externa do capsídeo, variando os níveis de cálcio intracelular, o que provoca a separação das camadas mais externas do capsídeo. As proteínas virais, que são construídas durante a fase de transcrição, são acumuladas em estruturas denomidadas viroplasmas (GRAY et al, 2008).

O vírus apresenta a proteína não estrutural NSP4, que é uma enterotoxina responsável pela descamação das células intestinais na luz do órgão, acarretando uma grande liberação de vírus nas fezes (MOLINARO, 2010).

A excreção viral pode variar entre dois a doze dias. A diarreia causada pelo Rotavírus resulta da alteração na absorção de sódio e glicose, já que as células destruídas são substituídas por células imaturas da cripta, as quais são incapazes de fazer absorção (MOLINARO, 2010).

A lesão do epitélio das vilosidades altera a arquitetura intestinal e está associada às mudanças da estrutura intracelular (edema de mitocôndria, distorção do retículo endoplasmático) e presença de infiltrado inflamatório nas placas de Payer e lâmina própria do intestino. As células mononucleares do infiltrado ativam o sistema nervoso entérico, provocando a motilidade intestinal e o caráter secretório da diarreia (FRANCO et al., 2006)

A transmissão ocorre predominantemente por via fecal-oral. As fezes de crianças infectadas apresentam altas concentrações, mais de 10 milhões de vírus/grama fecal, que são excretados desde dois dias antes até 21 dias após o início dos sinais e sintomas (SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES, 2006). Uma ingestão mínima de 10 a 100 partículas é suficiente para a transmissão entre humanos (GLASS et al, 2006). Outras formas de transmissão citadas na literatura são: brinquedos e superfícies de ambientes como pré-escolas e escolas; água, alimentos e objetos contaminados; e secreções respiratórias (SALVADOR et al., 2011). A presença do vírus em brinquedos e superfícies de ambientes coletivos, como escolas e creches, faz com que surtos nesses locais sejam comuns. A fácil transmissibilidade explica o fato de o rotavírus ser o principal agente da gastroenterite aguda em enfermarias pediátricas (RAY et al, 2007).

1.4. Imunidade

Embora os mecanismos envolvidos na resposta imune à infecção e desenvolvimento de doença por rotavírus não estejam completamente elucidados, admite-se que haja o envolvimento de anticorpos sistêmicos e anticorpos produzidos na mucosa intestinal, além da imunidade mediada por células (DENNEHY 2007; GRAY et al. 2008).

A primeira infecção por rotavírus (natural ou induzida por vacina) resulta em resposta imune de caráter predominantemente homotípico, mediada por anticorpos contra as proteínas VP7 e VP4. Nos processos infecciosos subsequentes (reinfecções), entretanto, o espectro de resposta ampliado assume caráter heterotípico ou de proteção cruzada (VELÁZQUEZ et al., 1996).

Após uma infecção natural, 40% das crianças estão protegidas contra infecção subsequente por rotavírus, 75% contra diarréia, e 88% frente às diarreias graves. Episódios recorrentes de infecção conferem progressivo aumento na proteção (DENNEHY, 2007). Ressalta-se que rotavírus de tipos G distintos reservam entre si proteínas idênticas dos pontos de vista sorológico e genotípico, característica determinante da proteção cruzada (WARD, 2008).

Níveis séricos de anticorpos IgG e IgA contra rotavírus, detectados após infecção natural, têm sido correlacionados com proteção nos estudos conduzidos nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, particularmente contra episódios

graves de diarreia. A IgA presente no lúmen intestinal devido ao fenômeno de transudação, reflete os níveis séricos dessa imunoglobulina. Estima-se que os anticorpos intestinais confiram maior proteção contra a doença causada por rotavírus do que aqueles circulantes (WARD, 2008).

Participam desse processo os anticorpos específicos das classes IgA e IgG, dirigidos às proteínas VP7, VP4, VP6 e NSP4. Os linfócitos B atuam na produção dos anticorpos específicos IgA e IgG, induzindo proteção contra doença subsequente. Os linfócitos T CD8+ e CD4+, por sua vez, promoveriam a resolução do quadro infeccioso (DENNEHY, 2007; ANGEL et al., 2007; WARD et al., 2008).

Justifica-se as rotaviroses em lactentes, de forma assintomática, pela passagem de anticorpos maternos passivamente, por via transplacentária ou ingestão de leite materno (LINHARES et al., 1989).

Em pacientes imunocomprometidos, a infecção natural por rotavírus não é sempre associada à acentuação de quadros graves de diarreia, mas a excreção viral pode ser prolongada. Entretanto, indivíduos que têm imunodeficiência congênita, órgãos ou medula óssea transplantados podem experimentam quadros de gastroenterite grave prolongada e por vezes fatal (WHO, 2007).

1.5. Quadro clínico e tratamento da infecção por rotavírus

O quadro clínico das rotaviroses abrange desde quadros assintomáticos até gastroenterites graves que podem levar à desidratação. Os assintomáticos são transitórios, geralmente em neonatos, com diarreia de leve intensidade (WHO, 2007).

Após um período de incubação de 1 a 2 dias, o quadro se instala de forma abrupta com aparecimento de febre e vômitos, seguidos de diarreia aquosa e explosiva, sem sangue, com duração de aproximadamente 3-8 dias (WHO, 2007; GRAY et al., 2008).

Quadros diarreicos podem prolongar-se por 2 a 3 semanas, em geral associados à intolerância à lactose, resultante da redução das dissacaridases, em particular a lactase, advinda da extensa lesão no epitélio intestinal causada pelo rotavirus. Daí advém o comprometimento da absorção de carboidratos na luz

intestinal. A ocorrência de fezes mucopiossanguinolentas suscita a associação a outro patógeno, normalmente de origem bacteriana (GRAY et al., 2008).

A febre normalmente se apresenta durante 24-48 horas, e denota caráter moderado, porém pode alcançar temperaturas superiores a 39°C em 30% das crianças (ACIP/CDC, 2009).

Os vômitos geralmente são intensos e, apesar de terem duração aproximada de 24-48 horas, podem dificultar a terapia de reidratação oral. Além disso, podem ocorrer de forma isolada ou preponderarem em relação ao quadro diarreico.

A febre precede o início da diarreia em 30 a 50% das crianças; os vômitos ocorrem em mais de 80% das infecções; as fezes são aquosas, isotônicas e raramente contêm muco, sangue ou leucócitos em número elevado (SALVADOR et al, 2011).

Além da tríade clássica, ou seja, vômitos, febre e diarreia, eventualmente ainda se observam sintomas como náuseas e cólicas abdominais de intensidade variável. Manifestações extraintestinais associadas aos rotavírus, como otites, quadros respiratórios, hepatite transitória, intussuscepção e enterite necrotizante podem ser explicadas como decorrentes do caráter sistêmico da infecção (BLUTT ET AL., 2006; GRAY et al., 2008).

Segundo Staat et al. (2012), a excreção viral ocorre desde o período de incubação, com pico entre 72- 96 horas após o início dos sintomas, e estende-se até 8-10 dias após a resolução do quadro. Além disso, alega uma hipótese de que há relação direta entre intensidade da excreção viral e a exuberância dos sintomas.

A resolução do quadro infeccioso é auto-limitada e completa. Complicações podem surgir como consequência da desidratação, como distúrbios hidroeletrolíticos, acidose e estado de choque, podendo chegar ao óbito. A duração do quadro clínico é, em média, de quatro a cinco dias, embora o período possa variar de um a dez ou mais dias (SALVADOR et al, 2011; STAAT et al., 2002).

As complicações consequentes ao quadro infeccioso por rotavírus assumem particular magnitude entre crianças nos países em desenvolvimento, devido à dificuldade no acesso aos serviços de pronto atendimento em saúde. Paralelamente, registrem-se condições mórbidas associadas como a desnutrição, baixo peso ao nascer, prematuridade e infecções associadas a outros patógenos. Em adultos, a doença é rara, todavia já ocorreram epidemias nestes indivíduos devido ao grupo B

(MOLINARO, 2010). A doença grave ocorre principalmente em crianças pequenas, mais comumente naquelas com idades entre seis e 24 meses (BERNSTEIN, 2007).

Para o referido diagnóstico, utilizam-se os seguintes métodos: Imunomicroscopia eletrônica, imunodifusão ou ELISA (enzyme-linked immunosorbent assay). Outras técnicas usadas são: a eletroforese do ácido nucléico viral e também a Reação em Cadeia da Polimerase (PCR) (MOLINARO, 2010).

O tratamento da gastroenterite pelo Rotavírus deve ser a reposição hídrica e eletrolítica oral ou parenteral nos casos mais graves. A prevenção da doença pode ser feita através de vacina e também por medidas de saneamento básico. O diagnóstico laboratorial baseia-se na evidenciação dos vírus presente nas fezes de indivíduos infectados recentemente (MOLINARO, 2010).

1.6. Epidemiologia da rotavirose: um problema de saúde pública

A rotavirose constitui-se a principal causa de diarréia grave em crianças, contribuindo para elevada morbidade hospitalar e mortalidade. No Brasil, estudos mostram que, nos menores de cinco anos, entre 20,6%-37,6% dos atendimentos hospitalares estiveram associados à infecção por rotavírus (CARMO, 2006).

Globalmente o rotavírus é responsável a cada ano por 114 milhões de casos de gastroenterite, 24 milhões de consultas, 2,4 milhões de hospitalizações em menores de cinco anos e 611 mil mortes infantis (80% nos países pobres), o que representa cerca de 5% da mortalidade infantil mundial (SALVADOR et al, 2011).

Estima-se no mundo que ao completar 5 anos, quase todas as crianças terão pelo menos um episódio de gastroenterite por Rotavírus, uma em cada cinco crianças terá visitado uma unidade de saúde, uma em cada 65 crianças terá sido hospitalizada por essa causa (NIETO, 2008; PARASHAR et al., 2003).

A incidência da doença por Rotavírus em crianças é similar em países desenvolvidos e em desenvolvimento. No entanto, as crianças em países em desenvolvimento morrem com mais freqüência, devido a vários fatores, entre eles a maior dificuldade em acesso à terapia de hidratação e maior prevalência de desnutrição (PARASHAR et al., 2003).

Além disso, os países em desenvolvimento, principalmente asiáticos e africanos, são os que apresentam maiores taxas de mortalidade devido à diarreia aguda por esse vírus (UNICEF/WHO, 2009). Já nos países desenvolvidos, apesar do número limitado de óbitos, observa-se uma elevada morbidade, revelando o impacto global das infecções por rotavirus A (PARASHAR et al., 2003).

A rotavirose constitui a segunda causa de morte mundial nos menores de cinco anos, sendo precedida apenas pelas infecções respiratórias (NIETO, 2008). No Brasil, dados do DataSUS referentes ao ano de 2006 revelam que ocorreram neste período 2.236 óbitos por doenças diarréicas em menores de 5 anos (SALVADOR et al, 2011).

No Brasil, entre 2006 e 2009, o rotavírus representou 30% do total de casos de diarreia em relação aos outros vírus entéricos. Entre as regiões do país, o rotavírus representou 35% dos casos de diarréia aguda na região norte, 26% dos casos na região nordeste e 21%, 17% e 20% dos casos de diarréia aguda nas regiões centro-oeste, sudeste e sul, respectivamente (MINISTERIO DA SAUDE, 2014).

A sazonalidade do rotavírus no território nacional apresenta-se de forma variável. Ocorre um aumento na incidência do patógeno nos meses mais frios ou no período de seca, entre maio e setembro, nos estados das regiões Centro-Oeste e Sudeste; no Norte e no Nordeste a ocorrência de rotavírus se distribui por todo o ano (SALVADOR et al., 2010).

Diante da importância epidemiológica desse patógeno no panorama mundial, a Organização Mundial da Saúde considera a vacinação como uma das intervenções de saúde pública capaz de gerar o maior impacto na prevenção de doenças infectocontagiosas, como a rotavirose, à semelhança do que ocorre com o consumo de água potável. Dentre os motivos de se vir a consolidar a imunização contra o rotavírus, destacam-se: a ocorrência universal da infecção, sem grandes distinções entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento; a capacidade parcial e incipiente da higiene ambiental no controle da rotavirose; a inexistência de um tratamento antiviral efetivo; o fato de a maior mortalidade por diarreia decorre de o rotavírus ocorrer em comunidades pobres; e por ser esta uma enfermidade de alto impacto familiar, social e econômico (SALVADOR et al., 2011)

1.7. Vacinas contra o rotavirus

Em 1998, a vacina Rotashield® (Rhesus Rotavirus Vaccine-Tetravalent RRV-TV) foi licenciada pelo FDA (Food and Drug Administration), nos Estados Unidos. A recomendação de uso são três doses, uma aos dois meses, quarto e sexto mês de idade. A vacina é caracterizada pela mistura de três genótipos reestruturados (G1, G2 e G4) com amostra de macaco Rhesus G3. A obtenção da vacina é feita pela incorporação de material genético codificante VP7 de RV-A humano em RV-A símio (FISHER et al, 2004). Em 1999 a Rotashield® foi retirada do mercado em função da sua associação com a intussuscepção intestinal (GLASS et al., 2005).

A RotaTeq® foi inicialmente licenciada pela Merck (Merck Research Laboratories) em 2006 nos Estados Unidos (VESIKARI et al, 2006). É uma vacina pentavalente baseada em uma linhagem de rotavírus que infecta bovinos, a WC3, além de recombinantes de humanos e bovinos. A linhagem WC3 é naturalmente atenuada por humanos, mas não confere ampla proteção cruzada. Desse modo, cada um dos vírus recombinantes contém um gene que codifica a proteína do capsídeo externo dos sorotipos mais comuns em humanos, são eles: G1, G2, G3 e G4 além do genótipo P[8] (GLASS E PARASHAR, 2006). A vacina deve ser administrada em três doses, aos dois, quatro e seis meses de idade (VESIKARI et al, 2006).

A Rotarix® é uma vacina desenvolvida pela GlaxoSmithKline Biologicals. Contém 10 unidades formadoras de foco da amostra de RV-A humano RIX4414 do genótipo G1P[8] (RUIZ-PALACIOS et al., 2006). Essa linhagem vacinal se replica bem no intestino e fornece proteção cruzada contra a maioria dos outros sorotipos, principalmente aos genótipos G3, G4 e G9, que são normalmente associados ao genótipo P[8]. Fornece uma eficácia de 41% associada ao genótipo P[4] (GLASS E PARASHAR, 2006; RUIZ-PALACIOS et al, 2006). Esta vacina integra o calendário básico de vacinação atual do Sistema Único de Saúde brasileiro. É denominada "vacina oral de rotavírus humano (VORH)", a qual, no mercado internacional, foi licenciada com o nome comercial de "Rotarix” (SALVADOR et al., 2011).

O Ministério da Saúde preconiza o esquema vacinal correspondente a duas doses, administradas aos dois e quatro meses de idade. A primeira dose pode ser administrada a partir de 1 mês e 15 dias até 3 meses e 15 dias. A segunda dose

pode ser administrada a partir de 3 meses e 15 dias até 7 meses e 29 dias (BRASIL, 2014).

O esquema com duas doses de vacina foi considerado imunogênico em lactentes previamente soronegativos, havendo tendência de soroconversão com concentrações virais elevadas. A segunda dose da vacina, por sua vez, aumentou significativamente as taxas de soropositividade (SALVADOR et al., 2011).

A VORH deverá ser adiada nos seguintes casos: na presença de doenças agudas febris graves ou de diarreia que necessita de hospitalização. A vacina é contraindicada caso o paciente tenha imunodeficiência congênita ou adquirida, faça uso de corticosteroides em doses imunossupressoras, seja portador de doença gastrointestinal crônica, malformação congênita do trato digestivo, história prévia de intussuscepção ou histórico de reação alérgica grave a um dos componentes da vacina, em dose anterior até duas horas após a aplicação desta (BRASIL, 2014).

As duas últimas vacinas demonstraram grande eficácia em relação à doença causada por rotavírus. A RotaTeq® foi testada nos EUA e na Finlândia, em 34.035 crianças no grupo vacinal e 34.003 no grupo placebo. A intussuscepção ocorreu em 12 crianças que receberam a vacina e em 15 do grupo tratado com placebo. A eficácia contra os rotavírus dos sorogrupos G1 a G4 foi de 74% e a eficácia contra a gastrenterite grave foi de 98% (VESIKARI et al, 2006).

A Rotarix® foi testada em 31.673 crianças que receberam a vacina e 31.673 tratadas com placebo. Os ensaios foram realizados na Finlândia e em 11 países Latino Americanos: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, República Dominicana, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru e Venezuela. A eficácia da vacina contra a gastrenterite grave causada por rotavírus foi de 85%. Seis crianças do grupo vacinal e sete do grupo controle apresentaram quadro de intussuscepção (RUIZ-PALACIOS et al., 2006).

Segundo Glass e Parashar (2006), um dos aspectos de maior importância em termos de saúde pública foi a magnitude da redução das hospitalizações por diarréia associada a qualquer causa. Na América Latina, a vacinação com Rotarix® reduziu as hospitalizações por diarréia em crianças com idade inferior a um ano em 42%. Nos EUA e na Finlândia, a RotaTeq® reduziu internações em 63% também no

primeiro ano de vida. Na América Latina, essa redução pode implicar também na diminuição da mortalidade.

A vacina Rotarix® apresenta 84,7% de eficácia contra a diarréia severa causada pelo rotavírus e 85% contra as hospitalizações causadas pela diarréia da rotavirose (RUIZ-PALACIOS et al, 2006).

1.8. Introdução da vacina contra o rotavírus na América Latina

A partir de 2006, 14 países e um território da América Latina introduziram a vacina contra o rotavírus em seus programas nacionais de imunização. A vacina Rotarix® foi introduzida no Brasil (2006), Equador (2007), El Salvador (2006), Panamá (2006), México (2007), Venezuela (2006), Honduras (2009), Paraguai (2010) e Guatemala (2009) (LINHARES et al, 2011).

Já a Rotateq® foi introduzida na Nicarágua (2006), Ilhas Cayman (2009) e Guiana (2010) (LINHARES et al, 2011).

Alguns países como Cuba, República Dominicana, Panama, Costa Rica até então não introduziram a vacinação contra o rotavírus em seu calendário nacional de imunizações (BOURDETT-STANZIOLA, 2008; RIBAS, 2011).

1.9. Genótipos no Brasil e no Mundo

Estudos demonstram a proporção dos genótipos ao longo dos anos, e sua variação de acordo com a cobertura vacinal e localidade. Segundo Leite (2008), a percepção dos genótipos circulantes no Brasil é dividida em período pré-vacinação (1982-2005) e pós-vacinação (2006-2007).

Durante o período da pré- vacinação, 43% dos genótipos identificados foram G1P[8]/G1P[não tipificado], 20% foram G9P[8]/G9P[não tipificado], 9% foram G2P[4]/G2P[não tipificado], 6% foram G3P[8]/G3P[não tipificado], 4% foram G4P[8]/G4P[não tipificado] e 4% G5P[8]/G5P[não tipificado]. As combinações atípicas ou outros genótipos foram vistos em 6% das amostras e as infecções mistas foram 7% das amostras positivas. Entre 1980-1995, com 9% de prevalência, identificou-se o genótipo G5P[8] nos estados de Alagoas, Bahia, Goiás, Pará,

Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal (LEITE, 2008).

Resultado semelhante foi visto por Gurgel et al.(2008) em análise dos genótipos circulantes no Brasil antes da vacinação (entre 1986-2006). Observou-se que P[8]G1 foi o genótipo mais frequente (43%), seguido por P[8]G9 (22%), P[4]G2 (7%), P[não tipificado]G1 (5%) e P[8]G4 (4%). Infecções mistas foram 2% das amostras positivas.

Após a introdução da vacina no Brasil em 2006, o vírus foi identificado em 74% das amostras positivas, seguido pelos genótipos G1 (3%), G3 (3%) e G9 (11%). Os genótipos mistos e atípicos corresponderam a 8% das amostras (Ministério da Saúde, 2014). Além disso, houve predominância do genótipo G2P[4] e G2P[não tipificado] nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Piauí e Sergipe (LOPMAN et al., 2011).

Amostras analisadas no Nordeste brasileiro sugeriram que a vacina estaria selecionando o genótipo G2, já que ele teve maior incidência após 2006 (GURGEL et al., 2007). Outros autores ratificaram a alteração na epidemiologia deste genótipo. No Nordeste, o genótipo G2 foi encontrado em 1,4% das amostras em 2005, 44% em 2006 e 95% em 2007 (GURGEL et al., 2009).

Em 2008, na cidade de Goiânia, o genótipo G2 foi responsável por 62,5% das infecções por rotavírus (BORGES, 2011). O genótipo G2P[4] foi predominante na mesma época em Salvador e São Paulo (MUNFORD, 2009) Também no Paraná, entre 2005 e 2009, o genótipo G2 foi predominante (NOZAWA, 2010). Já no Pará, este genótipo foi prevalente (90%) nos anos de 2006 a 2008, seguido por G1P[8] (6,67%) e G9P[8] (3,33%) (MASCARENHAS, 2010). E no Rio de Janeiro, o mesmo genótipo predominou no ano pós vacina, comparado aos anos anteriores: 1,4% em 2005, 44% em 2006 e 96% em 2007 (CARVALHO-COSTA et al., 2009).

Estudo feito na Amazônia, durante 27 anos (1981-2008), com 993 amostras de rotavírus com sorotipo definido, constatou que o G1 predominou em 43% do total. O tipo G2 exibiu caráter cíclico quanto à ocorrência, enquanto o G9 emergiu no início da década de 1990. Em termos de combinação, prevaleceram as amostras do tipo G1P[8] e G2P[4]. A vigilância sistemática da circulação de cepas de rotavírus após a introdução da vacina em larga escala no Brasil denota a expressiva ocorrência do tipo G2P[4], em 61-91% das amostras circulantes. Tal achado pode estar associado ao seu padrão cíclico de circulação ou à uma pressão seletiva

exercida pela introdução da vacina no Programa Nacional de Imunizações (DE OLIVEIRA et al, 2008). Achados semelhantes em relação ao tipo G2 foram encontrados em Recife, Pernambuco (NAKAGOMI et al, 2008).

Em Aracaju, um estudo feito com amostras coletadas de 1841 crianças entre 2006 e 2012, após a introdução da vacina, demonstrou os genótipos identificados no hospital de referência em urgência do estado de Sergipe. Em 2006, os genótipos identificados foram G2P[4] (89%), G[não tipificado]P[4] (6%) e G2T[não tipificado] (6%). Em 2007, G2P[4] (93%), G[não tipificado]P[não tipificado] (7%). Em 2008, G2P[4] foi encontrado em 100% das amostras. Em 2009, G1P[8] foi visto em 68%, seguido por G2P[4] (22%), G2P[não tipificado] (5%), G2P[4]P[8] e G[não tipificado]P[não tipificado] com 2% cada. Em 2010, G2P[4] correspondeu a 65%, seguido por G1P[6] (10%), G1P[4] (8%), G2P[6] (5%), e com 3% cada estão G2P[4]P[8], G1P[8], G8P[4], G12P[8], G12P[4]. Em 2011, G2P[4], G3P[8] e G8P[4] corresponderam a 25% cada, seguidos por G2G8P[4] e G2P[não tipificado] com 13% cada. Por fim, em 2012 G8P[4] correspondeu a 54%, seguido por G8P[6] (15%), G1G2P[4] (15%), G3P[8] (8%) e G8G2P[4] (8%) (GURGEL et al., 2014).

Santos (2005) apresentou a distribuição global dos genótipos de rotavírus após análise de 124 estudos de 52 países, nos cinco continentes, entre 1989 e 2004. Foi evidenciado que os genótipos P[8]G1, P[4]G2, P[8]G3 e P[8]G4 foram responsáveis por 88,5% da diarréia causada pelo rotavírus mundialmente.

Estes quatro genótipos respondem por 90% das infecções na América do Norte, Europa e Australia. Já na América do Sul e Ásia, representaram 68%, enquanto na África, 50%. O genótipo P[8]G1 isolado representou mais de 70% das infecções na América do Norte, Australia e Europa. Já na América do Sul e Ásia, representaram apenas 30%, enquanto na África, 23%. As infecções mistas foram detectadas na América do Sul (15%), Ásia (12%), África (4,8%), América do Norte (2,3%), Austrália e Europa (1,8%) (SANTOS, 2005).

Em todos os continentes, o genótipo G1 foi predominou entre o tipo G. Na Ásia, América do Norte e Europa, as cepas G1-G4 responderam por 97,5% das infecções por rotavírus analisadas. Na América do Sul, África e Austrália a frequência de G1-G4 foi 89%, 83,5% e 90,4% respectivamente.

Gouvea e colaboradores (1999) afirmaram que o genótipo G5 já circulava entre as crianças brasileiras com diarréia desde 1982. Este padrão é semelhante ao reportado na Argentina e Paraguai, o que indica uma disseminação do vírus pela

América do Sul. Ao longo dos anos a incidência de G5 reduziu; no Rio de Janeiro apresentava 57% em 1996, já entre 1998 e 2003, 0% (SANTOS, 2005).

O sorotipo G8 geralmente é encontrado associado ao P[10] na África. Já o G9 é comumente associado ao P[8] ou P[6] e representa 4,1% das infecções globais. É reportado como o sorotipo mais prevalente em Tokyo e Sapporo, Japão, entre 1998-1999, com taxas de prevalência de 52,9% e 71,4% respectivamente (ZHOU, 2000).

Entre 2001-2002, o sorotipo G9 isoladamente foi o mais infectante na Austrália (40,4%). O P[6] foi detectado em neonatos assintomáticos na Austrália, Venezuela e Inglaterra. O P[9] geralmente carrega consigo G1 ou G3, mas foram encontradas exceções em amostras na Itália, Hungria e Estados Unidos, associado ao G6, e na Tailândia, Japão e Argentina associado ao G12 (SANTOS, 2005).

O sorotipo G12, detectado na Índia, tem ocorrido de forma crescente em escala global, com especificidade P[8] ou P[6], podendo representar o próximo genótipo emergente e talvez determinar uma mudança nas estratégias voltadas à vacinação contra rotavírus (ANGEL et al., 2007). Neves et al. (2015) também evidenciou a crescente prevalência do sorotipo G12 em crianças infectadas no estado do Acre. A combinação identificada por este estudo foi G12P[8], vista em 27,3% das amostras estudadas (NEVES et al., 2015).

A distribuição epidemiológica dos sorotipos de rotavírus sugere que a imunidade sorotipo-específica é fundamental, mas não exclusiva, na proteção, como um claro indicador de que proteção heterotípica também ocorre e é clinicamente significativa (FRANCO et al, 2006).

Desde que o rotavírus foi descoberto como um importante patógeno entérico em crianças, há mais de 40, os pesquisadores têm feito esforços no desenvolvimento de uma vacina contra o rotavírus. Os presentes estudos em modelos animais e humanos revelam que a doença de rotavírus pode ser controlada e prevenida pela vacinação, aliada a outras medidas de saúde pública, como o saneamento básico (WANG, 2015).

A vacinação contra o rotavírus também responde pela redução da mortalidade em crianças com rotavirose na América Latina. A eficácia da vacina Rotarix contra doença severa pelo rotavírus na América Latina foi 85% (RUIZ-PALACIOS et al, 2006). Assim, é perceptível a redução do quadro diarréico e número de internações em países onde a vacina contra o rotavírus está no programa de imunizações (WANG, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, M. E. Mortalidad por enfermedad diarreia em menores, antes y después de La introducción de La vacuna contra El rotavírus. **Salud Publica**, Mexico, v.51, n.4, p. 285-290, ago. 2009.

ANGEL, J; FRANCO, M.A; GREENBERG H.B. Rotavirus vaccines: recent developments and future considerations. **Nature Reviews**, Vol 5, p. 529-539, jul. 2007.

BERNSTEIN, D. I. RIX4414 (Rotarix™): uma vacina contra o rotavírus humano com vírus vivo atenuado. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 83, n. 3, p. 193-195, Junho 2007.

BISHOP, R. F.; DAVIDSON, G. P.; HOLMES, I. H.; RUCK, B. J. Virus particles in epithelial cells of duodenal mucosa from children with viral gastroenteritis. **Lancet**, v.2, p.1281-3, 1973

BLLUT S.E; FENAUX, M.; WARFIELD, K.L; GREENBERG, H.B.; CONNER, M.E. Active viremia in rotavirus-infected mice. **Journal of Virology**, vol. 80, n. 13, p. 6702-6705, jul. 2006.

BORGES, A.M.; DIAS E SOUZA, M.; FIACCADORI, F.S.; CARDOSO, D.D. Monitoring the circulation of rotavirus among children after introduction of the Rotarix vaccine in Goiânia, Brazil. **Mem Inst Oswaldo Cruz**, v.106, n. 4, p. 499-501, 2011.

BOURDETT-STANZIOLA, L.;JIMÉNEZ C.; ORTEGA-BARRIA, E. Diversity of human rotavirus G and P genotypes in Panama, Costa Rica and the Dominican Republic. **Am J Trop Med Hyg**., v. 79, p.921-924, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação.** Brasília: Ministério da Saúde- 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_procedimentos_vacinacao.pdf Acesso em: 01/10/2015

BRASIL. Ministério da Saúde. Informe Técnico. **Doenças Diarréica por Rotavirus: Vigilância Epidemiológica e Prevenção pela Vacina Oral de Rotavírus**. Brasília-Brasil. Março, 2006.

CARMO, E.H. Doença diarréica por rotavírus: magnitude, introdução da vacina e desafios para a vigilância epidemiológica. **Caderno de Saúde Pública**, Salvador, v.22, n.11, p.2266-2267, Nov.2006.

CARVALHO-COSTA, F.A.; ARAÚJO, I.T.; SANTOS DE ASSIS, R.M; FIALHO, A.M.; DE ASSIS, M.C.M; et al. Rotavirus genotype distribution after vaccine introduction, Rio de Janeiro, Brazil. **Emerg Infect Dis,** v.15, n.1, p. 95-97, 2009.

CDC. Morbity and Mortality Weekly Report. **Prevention of Rotavirus Gastroenteritis Among Infants and Children. Recommendations of the Advisory Committee on Immunization Practices (ACIP)**, vol.58, 2009.

COSTA, P. S. S; CARDOSO, DIVINA, D. P; GRISI, S.J. et al. Infecções e reinfecções por Rotavirus A: genotipagem e implicações vacinais. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v.80, n.2, p.119-122, mar/abr. 2004.

DAVIDSON G.P., BISHOP R.F., TOWNLEY R.R.W., HOLMES I.H., RUCK B.J. Importance of a new virus in acute sporadic enteritis in children. **Lancet**, v. 305, n.7901, p.242-246, 1975.

DE OLIVEIRA, L.H.; DANOVARO-HOLLYDAY, M.C.; MATUS, C.R.; ANDRUS, J.K. Rotavirus vaccine introduction in the Americas: progress and lessons learned. **Expert Rev Vaccines**, vol. 7, n. 3, p. 345-353, apr. 2008.

DENNEHY P.H. Rotavirus vaccines: An Update. **The Pediatric Infectious Disease Journal**, vol. 25, p. 839-840, 2007.

EDUARDO, M. B. P.; TIMENETSKY, M. C. S. T. Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo. Centro de Vigilância Epidemiológica. **Informe técnico Rotavírus**. São Paulo, 2009. Disponível em: < ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/hidrica/doc/IF09_ROTAVIRUS.pdf>. Acesso em: 02/06/2015.

ESTES, M. K.; KAPIKIAN, A. Z ; KNIPE, D. M.; HOWLEY, P. M. Rotaviruses. **Fields Virology**. Philadelphia: Lippincott Willians & Wilkins, v.5, p.1917-74, 2007.

FISHER, T.K; J.R. GENTSCH. Rotavirus typing methods and algorithms. **Reviews in Medical Virology**., v.14, p. 71-82, 2004.

FRANCO M.A; ANGEL J; GREENBERG H.B. Immunity and correlates of protection for rotavirus vaccines. **Vaccine**, doi: 10.1016/j.vaccine.2005.12.048, 2006.

FRANCO, M.A.; J. ANGEL, AND H.B. GREENBERG. Immunity and correlates of protection for rotavirus vaccines. **Vaccine**, v.24, p.2718-2731, 2006.

GLASS, R. I.; PARASHAR, U. D.; The promise of new rotavirus vaccines. **N Engl J Med**, v.354, p. 75-7, 2006.

GLASS, R.I; BRESEE, J. S.; TURCIOS, R.; FISCHER, T.K.; PARASHAR, U.D.; STEELE, A.D. Rotavirus Vaccines: Targerting the Developing World. **The Journal of Infectious Disease**, American, v. 192, n. 1, p. 160-166, 2005.

GOUVEA, V.; LIMA, R.C.C.;LINHARES, R.E.; CLARK, H.F.; NOZAWA, C.M.; SANTOS, N. Identification of two lineages (Wa-like and F45-like) within the major rotavirus genotype P[8]. **Vir Res**, v. 59, p. 141-147, 1999.

GRAY, J.; VESIKARI, T.; VAN DAMME, P.; GIAQUINTO, C.; MRUKOWICZ, J.; GUARINO, A.; DANGAN, R.; SZAJEWSKA, H.; USONIS, V. Rotavirus. **Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition**, vol. 46, n. 2, p. S24-S31, mai. 2008.

GRAY, J., T. VESIKARI, P. VAN DAMME, C. GIAQUINTO, J.MRUKOWICZ, A GUARINO, R. DAGAN, H. SZAJEWSKA. Rotavirus. **Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition**. v.46, n. 2, p. S24-S31. 2008

GURGEL, R.Q.; ALVAREZ, A.D.J.; RODRIGUES, A.; RIBEIRO, R.R.; DOLABELLA, S.S. ET AL. Incidence of Rotavirus and Circulating Genotypes in Northeast Brazil during 7 Years of National Rotavirus Vaccination. **PLoS ONE**. v.9, n.10, e110217. 2014

GURGEL, R.Q.; BOHLAND, A.K.; VIEIRA, S.C.; OLIVEIRA, B.M.; FONTES, P;B.; BARROS, B.F. ET AL. Incidence of rotavirus and all-cause diarrhea in northeast Brazil following the introduction of a national vaccination program. **Gastroenterology**, v. 137, n.6, p. 1970-1975, 2009

GURGEL, R.Q.; CUEVAS, L.E.; VIEIRA, S.C.; BARROS, V.C.; FONTES, P;B.; SALUSTINO, E.F. ET AL. Predominance of rotavirus P[4]G2 in a vaccinated population, Brazil. **Emerg Infect Dis**. v.137, n.10, p.1571-1573, 2007

INSTITUTO ADOLFO LUTZ E CENTRO DE VIGILANCIA EPIDEMIOLOGICA "PROFESSOR ALEXANDRE VRANJAC". Diarréia e rotavírus. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 6, p. 844-845, Dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000600014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Setembro 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000600014.

LEITE JPG, CARVALHO-COSTA FA, LINHARES AC. Group A rotavirus genotypes and the ongoing Brazilian experience - A Review. **Memórias Instituto Oswaldo Cruz**. Dec; v. 103, n.8, p. 745-53, 2008.

LINHARES A.C.; GABBAY, Y.B.; FREITAS, R.B.; DA ROSA, E.S.; MASCARENHAS, J.D.; LOUREIRO, E.C. Longitudinal study of rotavirus infections among children from Belém, Brazil. **Epidemiology and Infection**, vol. 102, n.1, p. 129-45, fev. 1989.

LINHARES, A.C. Epidemiologia das infecções por rotavírus no Brasil e os desafios para seu controle. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n.3, p. 629-646, Set. 2000.

LINHARES, A.C., JUAN, A.S., CIAPPONI, A., BARDACH, A.E., GLUJOVSKY, D., ARUJ, P.K., MAZZONI, A., RODRIGUEZ, J.A.B, REARTE, A., LANZIERI, T.M., ORTEGA-BARRIA, E., COLINDRES, R. Burden and typing of rotavirus group A in Latin America and the Caribbean: systematic review and meta-analyses. **Rev. Med. Virol**. v.21, p. 89-109, 2011.

LOPMAN, B. A., CURNS, A. T., YEN, C. & PARASHAR, U. D. Infant rotavirus vaccination may provide indirect protection to older children and adults in the United States. **Journal of infectious diseases**, v. 204, p. 980-986, 2011

MASCARENHAS, J.D.; LIMA, C.S.; DE OLIVEIRA, D.S.; GUERRA, S.D.F.; MAESTRI, R.P.; GABBAY, Y.B. ET AL. Identification of two sublineages of genotype G2 rotavirus amog diarrheic children in Parauapebas, Southern Pará State, Brazil. **J Med Virol**, v. 82, p. 712-719, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Vigilância Epidemiológica Ampliada das Doenças Diarreicas Agudas Causadas por Rotavírus**. Brasília: MS. Disponível em <http:www.portal.saude.gov.br> Acesso em: 04/08/2015

MOLINARO, E.M.; CAPUTO, L.F.G.; AMENDOEIRA, M.R.R.**Conceitos e métodos para a formação de profissionais em laboratórios de saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV: IOC; 2010.p.200-202. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/media/vol_2%5B1%5D.pdf >. Acesso em: 15/09/2015

MORILLO, S. G; LUCHS, A.; CILLI, A.; Caracterização dos genótipos de rotavírus em creches: era pré e pós vacinação contra o rotavírus na cidade do Rio de Janeiro. **J Pediatria,** v. 86, n.2, p. 155-158, março-abril 2010

MUNFORD, V.; GILIO, A.E.; DE SOUZA, E.C.; CARDOSO, D.M.; CARDOSO, D.D.; BORGES, A.M. ET AL. Rotavirus gastroenteritis in children in 4 regions in Brazil: a hospital-based surveillance study. **J Infect Dis**, v. 200, n. 1, p. 106-113, 2009

NAKAGOMI T.; CUEVAS, L.E.; GURGEL, R.Q.; ELROKSI, S.H.; BELKHIR, Y.A.; ABUGALIA, M.; DOVE, W.; MONTENEGRO, F.M.; CORREIA, J.B.; NAKAGOMI, O.; CUNLIFFE, N.A.; HART, C.A. Apparent extinction of non-G2 rotavirus strains from circulation in Recife, Brazil, after the introduction of rotavirus vaccine. **Arch Virol**, vol. 53, p. 591-593, 2008.

NEVES, M.A.; PINHEIRO, H.H.; SILVA, R.S.; LINHARES, A.C.; SILVA, L.D.; GABBAY, Y.B.; SILVA, M.C.; LOUREIRO, E.C.; SOARES, L.S.; MASCARENHAS, J.D. High prevalence of G12P[8] rotavirus strains in Rio Branco, Acre, Western Amazon, in the post-rotavirus vaccine introduction period. **J. Med. Virol**, DOI: 10.1002/jmv.24404, 2015.

NIETO, G. J. Impacto de la introducción de La vacuna contra El rotavirus em La hospitalización por gastroenteritis aguda grave em El Hospital Del Niño de La Ciudad de Panamá. **Revista Pananam Salud Publica**, Panama, v.24, n.3, p. 189-194, 2008.

NOZAWA, C.M.; KERNTOPF, G.F.; CZERNISZ, E.S.; ALBUQUERQUE, D.; ROMANIN, P.; FREITAS, J.F. ET AL. Detection and characterization of human rotavirus in hospitalized patients in the cities of Ponta Grossa, Londrina and Assai – PR, Brazil. **Braz JInfect Dis**, v.14, p. 553-557, 2010.

PARASHAR, D. U. Global Ilness and Deaths Caused by Rotavirus Disease in Children. **Emerging Infectious Diseases**, v.6, n.5, p. 565-572, Maio 2003.

RAMIG, R. F. Pathogenesis of intestinal and systemic rotavirus infection. **Journal of Medical Virology**, v.78, n.19, p. 10213-102220, 2004.

RIBAS, M. A.; NAGASHIMA, S.; CALZADO, A. Emergence of G9 as a predominant genotype of human rotaviruses in Cuba. **J Med Virol**., v. 83, p. 738-744, 2011.

RUIZ-PALACIOS, G.M.; PÉREZ-SCHAEL, I.; VELÁZQUEZ, F.R.; ABATE, H.; BREUER, T.; CLEMENS, S.C. et al. Safety and efficacy of an attenuated vaccine against severe rotavirus gastroenteritis. N**. Engl. J. Med.**, v.354, n.1, p.11-22, 2006.

SALVADOR, P.T.C.O; ALMEIDA, T.J.; ALVES, K.Y.A.; DANTAS, C.N. A rotavirose e a vacina oral de rotavírus humano no cenário Brasileiro: revisão integrativa da literatura. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 2, p. 567-574, Fev. 2011.

SANTOS, N. S. DE O. VILLELA, M.T; WIGG, M; D. **Introdução a virologia humana**, 2ª edição; Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, N.; HOSHINO, Y. Global distribution of rotavirus serotypes/genotypes and its implication for the development and implementation of an effective rotavirus vaccine. **Rev. Med. Virol**, v. 15, p. 29-56, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE. Centro de Vigilância Epidemiológica. **Rotavírus**. Relatório técnico. SES: São Paulo, 2008. Disponível em: ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/hidrica/doc/IF09_ROTAVIRUS.pdf. Acesso em: 27/08/2015

SERRAVALLE, K; SANTOS, N, SAROLI, SL. Molecular Charactererization of group A rotavirus isolates obtained from hospitalized children in Salvador, Bahia, Brazil. **Jornal Internacional de Infectologia** ,v.11, n.1, p.35-9, 2007.

STAAT M.A.; AZIMI, P.H.; BERKE, T.; ROBERTS, N.; BERNSTEIN, D.I.; WARD, R.L.; PICKERING, L.K.; MATSON, D.O. Clinical presentations of rotavirus infection among hospitalized children. The Pediatric Infectious Disease Journal, vol. 21, n. 3, p. 221-7, mar.2002.

VELÁZQUEZ F.R.; MATSON, D.O.; CALVA, J.J.; MORROW, A.L.; CARTER-CAMPBELL, S.; GLASS, R.I.; ESTES, M.K.; PICKERING, L.K., RUIZ-PALACIOS, G.M. Rotavirus infection in infants as protection against subsequent infections. **N Engl J Med**, vol. 335, n. 14, p. 1022-102, oct, 1996.

VESIKARI, T; MATSON, D.O.; DENNEHY, P.; DAMME, P.V.; SANTOSHAM, M.; RODRIGUEZ, Z. et al. Safety and efficacy of a pentavalent human-bovine (WC3) reassortant rotavirus vaccine. **N. Engl. J. Med**., v.354, p.23-33, 2006

WANG, C.M.; CHEN, S.C; CHEN, K.T. Current status of rotavirus vaccines. **World J Pediatr**, vol. 11, n. 4, 2015.

WARD R.L. Rotavirus vaccines: how they work or don't work. **Expert Rev. Mol. Med**., vol. 10, n.5, feb. 2008

WARD R.L; MCNEAL M.M; STEELE D.A. Why does the world need another rotavirus vaccine? **Therapeutics and Clinical Risk Management**, n. 4(I), p. 49-63, feb. 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2009 Disponível em: www.who.int/topics/rotavirus_infections/en/ Acessado em: 18/07/2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Rotavirus Epidemiological Record**, n. 32, p. 285-296, 2007.

ZHOU, Y.; LI, L.; KIM, B. ET AL. Rotavirus infection in children in Japan. **Pediatr Int**, v. 42, p. 428-439, 2000.

2. NORMAS DE PUBLICAÇÃO

2.1 Journal of Infection

DESCRIPTION .

The Journal of Infection publishes original papers on all aspects of infection - clinical, microbiological and epidemiological. The Journal seeks to bring together knowledge from all specialties involved in infection research and clinical practice, and present the best work in the ever-changing field of infection. Each issue brings you Editorials that describe current or controversial topics of interest, high quality Reviews to keep you in touch with the latest developments in specific fields of interest, an Epidemiology section reporting studies in the hospital and the general community, and a lively correspondence section. Benefits to authors We also provide many author benefits, such as free PDFs, a liberal copyright policy, and much more. Please visit http://www.elsevier.com/journal-authors/author-services for more information on our author services. Please visit http://www.journalofinfection.com/authorinfo for information on article submission. If you require any further information or help, please visit our support pages: http://support.elsevier.com.

IMPACT FACTOR .

2014: 4.441 © Thomson Reuters Journal Citation Reports 2015

ABSTRACTING AND INDEXING .

Scopus

EDITORIAL BOARD .

Editor-in-Chief Robert Read, Infection, Inflammation and Immunity Division, Mailpoint 814, Level C, Southampton General Hospital, Tremona Road, Southampton, Hants. SO16 6YD, UK

North American Regional Editor

Robert L. Atmar, Dept. of Medicine and Molecular Virology & Microbiology, Baylor College of Medicine, 1 Baylor Plaza, MS BCM280, Houston, TX 77030, Texas, USA

GUIDE FOR AUTHORS

Your Paper Your Way

We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article. To find out more, please visit the Preparation section below.

Introduction

The Journal of Infection publishes original papers on all aspects of infection - clinical, microbiological and epidemiological. The Journal seeks to bring together knowledge from all specialties involved in infection research and clinical practice, and present the best work in the ever-changing field of infection. Each issue brings you Editorials that describe current or controversial topics of interest, high quality Reviews to keep you in touch with the latest developments in specific fields of interest, an Epidemiology section reporting studies in the hospital and the general community, and a lively correspondence section. Authors must comply fully with these instructions. These guidelines generally follow the "Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals" The complete document appears at http://www.icmje.org. This journal does not encourage resubmission of rejected papers. Journal of Infection will consider for publication an original article, review, or letter to the Editor on any aspect of infection written concisely in English provided it is not being considered for publication elsewhere. Journal of Infection does not accept case reports.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/journal-authors/ethics.

Ethics

Work on human beings that is submitted to Journal of Infection should comply with the principles laid down in the Declaration of Helsinki; Recommendations guiding physicians in biomedical research involving human subjects. Adopted by the 18th World Medical Assembly, Helsinki, Finland, June 1964, amended by the 29th World Medical Assembly, Tokyo, Japan, October 1975, the 35th World Medical Assembly, Venice, Italy, October 1983, and the 41st World Medical Assembly, Hong Kong, September 1989. The manuscript should contain a statement that the work has been approved by the appropriate ethical committees related to the institution(s) in which it was performed and that subjects gave informed consent to the work. Studies involving experiments with animals must state that their care was in accordance with institution guidelines. Studies on patients or volunteers require ethics committee approval and informed consent which should be documented in your paper. Patients have a right to privacy. Therefore identifying information, including patients' images, names, initials, or hospital numbers, should not be included in videos, recordings, written descriptions, photographs, and pedigrees unless the information is essential for scientific purposes and you have obtained written informed consent for publication in print and electronic form from the patient (or parent, guardian or next of kin where applicable). If such consent is made subject to any conditions, Elsevier must be made aware of all such conditions. Written consents must be provided to Elsevier on request.Even where consent has been given, identifying details should be omitted if they are not essential. If identifying characteristics are altered to protect anonymity, such as in genetic pedigrees, authors should provide assurance that alterations do not distort scientific meaning and editors should so note.If such consent has not been obtained, personal details of patients included in any part of the paper and in any supplementary materials (including all illustrations and videos) must be removed before submission.

Conflict of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent

applications/registrations, and grants or other funding. If there are no conflicts of interest then please state this: 'Conflicts of interest: none'. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://service.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/supporthub/publishing.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/sharingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck http://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Authorship

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors before submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only before the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the corresponding author: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail,

letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors after the manuscript been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Reporting clinical trials

Randomized controlled trials should be presented according to the CONSORT guidelines. At manuscript submission, authors must provide the CONSORT checklist accompanied by a flow diagram that illustrates the progress of patients through the trial, including recruitment, enrollment, randomization, withdrawal and completion, and a detailed description of the randomization procedure. The CONSORT checklist and template flow diagram can be found on http://www.consort-statement.org.

Registration of clinical trials

Registration in a public trials registry is a condition for publication of clinical trials in this journal in accordance with International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE, http://www.icmje.org) recommendations. Trials must register at or before the onset of patient enrolment. The clinical trial registration number should be included at the end of the abstract of the article. A clinical trial is defined as any research study that prospectively assigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects of health outcomes. Healthrelated interventions include any intervention used to modify a biomedical or health-related outcome (for example drugs, surgical procedures, devices, behavioural treatments, dietary interventions, and process-of-care changes). Health outcomes include any biomedical or health-related measures obtained in patients or participants, including pharmacokinetic measures and adverse events. Purely observational studies (those in which the assignment of the

medical intervention is not at the discretion of the investigator) will not require registration.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement. Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions. For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. For more information see http://www.elsevier.com/copyright.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit

the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some authors may also be reimbursed for associated publication fees. To learn more about existing agreements please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies. After acceptance, open access papers will be published under a noncommercial license. For authors requiring a commercial CC BY license, you can apply after your manuscript is accepted for publication.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access

• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse

• An open access publication fee is payable by authors or on their behalf e.g. by their research funder or institution Subscription • Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs (http://www.elsevier.com/access).

• No open access publication fee payable by authors.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards. For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND) For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The open access publication fee for this journal is USD 3000, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access

Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see our green open access page for further information (http://elsevier.com/greenopenaccess). Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and begins from the publication date of the issue your article appears in. This journal has an embargo period of 12 months.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/languageediting/) or visit our customer support site (http://support.elsevier.com) for more information. International Science Editing and Asia Science Editing can provide English language and copyediting services to authors who want to publish in scientific, technical and medical journals, and need assistance before they submit their article of before it is accepted for publication. Authors can contact these services directly: International Science Editing (http://www.internationalscienceediting.com) and Asia Science Editing (http://www.asiascienceediting.com) or, for more information about language editing services, please visit

http://www.elsevier.com/languagepolishing. Please note Elsevier neither endorses nor takes responsibility for any products, goods or services offered by outside vendors through our services or in any advertising. For more information please refer to our terms and conditions (http://www.elsevier.com/authors).

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail. Submit your article Please submit your article via http://ees.elsevier.com/yjinf/.

Online-only publication

The Journal of Infection is now offering an online-only option for original scientific work. The authors of papers accepted for publication may be offered either (i) print and online publication or (ii) onlineonly publication. Offers will be made at the discretion of the Editor. For further details please refer to the editorial published in the journal (J Infect 2006; 53: 47).

PREPARATION

NEW SUBMISSIONS

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process. As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or layout that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or

some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions. If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes. Divide the article into clearly defined sections. Use of word processing software Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). See also the section on Electronic artwork. To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article Structure

The text should comprise the following sections: Summary, Key words, Introduction, Materials (or Patients) and Methods, Results, Discussion,

Acknowledgements and References. Tables, Figures and Legends to figures should be on separate sheets. Letters to the editor should be:

• Less than 1000 words in length

• Less than 10 references

• Maximum of 2 figures or tables

Essential Title Page Information

• Title. Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible. Your title should not exceed 100 letters.

• Running Title You should include a running title which does not exceed 50 letters.

• Author names and affiliations. Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• Corresponding author. Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address. Contact details must be kept up to date by the corresponding author.

• Present/permanent address. If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A structured abstract of your manuscript, a maximum of 200 words, summarizing the content, should be provided on a separate sheet following the title page. This must be divided into sections entitled Objectives; Methods; Results; Conclusions.

Graphical abstract

Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See http://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples. Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). See http://www.elsevier.com/highlights for examples.

Keywords

Authors should provide Keywords from their summary. They should include those published in Medical Subject Headings - Annotated Alphabetical List, U.S. Department of Health and Human Services (new volume every year).

Units and Abbreviatons

Microbes should be referred to by their scientific names according to the binominal system used in the latest edition of Bergey's Manual of Systematic Bacteriology (The Williams and Wilkins Co.). When first mentioned, the name should be in full and underlined - to denote italics. Thenceforward, the genus should be abbreviated to its initial letter, e.g. 'S. aureus' not 'Staph. aureus'. If abbreviation is likely to cause confusion or render the intended meaning(s) unclear the names of organisms should be given in full. Only those names included in the Approved Lists of Bacterial Names (Int J Syst Bacteriol 1980; 30: 225-420) and/or which have been validly published in the Int J Syst Bacteriol since January 1980 are acceptable. If there is a good reason to use a name that does not have standing in nomenclature, it should be enclosed in quotation marks and an appropriate statement concerning its use made in the text (e.g. Int J Syst Bacteriol 1980; 30: 547-556). Symbols for units of measurement must accord with the Systeme International (SI). However, blood pressure should be expressed in mmHg and haemoglobin as g/dl. Drugs should be referred to by their generic, and not proprietary, name(s); for guidance the latest edition of the British National Formulary should be consulted.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references. All contributors who do not meet the criteria for authorship as defined above should be listed in an acknowledgements section. Examples of those who might be acknowledged include a person who provided purely technical help, writing assistance, or a department chair who provided only general support. Authors should disclose whether they had any writing assistance and identify the entity that paid for this assistance.

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

General points

• Illustrations should be numbered in Arabic numerals (e.g. Fig. 3) according to their sequence in the text.

• Each figure should have a title that makes its meaning clear without reference to the text.

• The identity of patients shown in photographs should either be concealed, or they should give written consent; a copy of consent should accompany the photograph. Simple masking of eyes in a photograph may not be sufficient.

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.

• Embed the used fonts if the application provides that option.

• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.

• Use a logical naming convention for your artwork files. • Provide captions to illustrations separately.

• Size the illustrations close to the desired dimensions of the printed version.

• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website: http://www.elsevier.com/artworkinstructions You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here. Formats If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format. Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below): EPS (or PDF): Vector

drawings, embed all used fonts. TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi. TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi. TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi. Please do not: • Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors; • Supply files that are too low in resolution; • Submit graphics that are disproportionately large for the content. Color artwork Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF) or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) in addition to color reproduction in print. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Figure captions Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (not on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Tables should be numbered in Arabic numerals (e.g. Table 3). Each one should be on a separate sheet and have a title that makes its meaning clear without reference to the text included. Web references As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list. Reference management software Most Elsevier journals have a standard template available in key reference management packages. This covers packages using the Citation Style Language, such as Mendeley (http://www.mendeley.com/features/reference-manager) and also others like EndNote (http://www.endnote.com/support/enstyles.asp) and Reference Manager (http://refman.com/downloads/styles). Using plug-ins to

word processing packages which are available from the above sites, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article and the list of references and citations to these will be formatted according to the journal style as described in this Guide. The process of including templates in these packages is constantly ongoing. If the journal you are looking for does not have a template available yet, please see the list of sample references and citations provided in this Guide to help you format these according to the journal style. If you manage your research with Mendeley Desktop, you can easily install the reference style for this journal by clicking the link below: http://open.mendeley.com/use-citation-style/journal-of-infection When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plugins for Microsoft Word or LibreOffice. For more information about the Citation Style Language, visit http://citationstyles.org.

Reference formatting

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style

Journal reference style follows the 'Vancouver' style (Br Med J 1982; 284: 1766-1770). When the number of authors is six or less, the names and initials of all should be given in the reference list; when seven or more, the first six names should be cited, followed by et al. Authors are responsible for checking the accuracy of all references and ensuring that all given in the text agree with those in the reference list. Example: 1. McConkey B, Crockson R A, Crockson A P, Wilkinson A R. The effect of some anti-inflammatory drugs on the acute phase proteins in rheumatoid arthritis. Q J Med 1973; 42: 785-791.

References to book chapters should be set out: Example: 1. Weinstein L, Schwartz M N. Pathogenic properties of invading micro-organisms. In: Soderman W A Jr, Soderman W A, eds. Pathologic physiology: mechanisms of disease. W B Saunders, 1974: 457-472. References cited solely in tables and/or legends to figures should be numbered in accordance with the sequence established by the first mention in the text of the table or illustration.Papers submitted with references or other features which fail to comply with these instructions will be returned, and not considered for publication until resubmitted in the required style.When citing an Elsevier journal, include the digital object identifier (DOI), if noted, from the article's title page. Please note the following examples.1. Munday PE. Pelvic inflammatory disease - an evidence-based approach to diagnosis. J Infect 2000; 40: 31-41, doi:10.1053/jinf.1999.06092. Colebunders R, Borchert M. Ebola haemorrhagic fever - a review. J Infect, doi: 10.1053/jinf. 1999.0603.

DNA sequences and GenBank accession numbers

Many journals cite "gene accession numbers" in their running text and footnotes. Gene accession numbers refer to genes or DNA sequences about which further information can be found in the databases at the National Center for Biotechnical Information (NCBI) at the National Library of Medicine. Elsevier authors wishing to enable other scientists to use the accession numbers cited in their papers via links to these sources, should type this information in the following manner:For each and every accession number cited in an article, authors should type the accession number in bold, underlined text. Letters in the accession number should always be capitalised (see example below). This combitnation of letters and format will enable Elsevier's typesetters to recognise the relevant texts as accession numbers and add the required link to GenBank's sequences. Example: "GenBank accession nos. AI631510 , AI631511 , AI632198 , and BF223228), a B-cell tumor from a chronic lymphatic leukemia (Gen Bank accession no. BE675048), and a T-cell lymphoma (GenBank accession no. AA361117)". Authors are encouraged to check accession numbers used very carefully. An error in a letter or number can result in a dead link. In the final version of the printed article, the accession number text will not appear bold or underlined. In the final version of the electronic copy, the

accession number text will be linked to the appropriate source in the NCBI databases enabling readers to go directly to that source from the article.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary material

Supplementary material can support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Please note that such items are published online exactly as they are submitted; there is no typesetting involved (supplementary data supplied as an Excel file or as a PowerPoint slide will appear as such online). Please submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. If you wish to make any changes to supplementary data during any stage of the process, then please make sure to provide an updated file, and do not annotate any corrections on a previous version. Please also make sure to switch off the 'Track Changes' option in any Microsoft Office files as these will appear in the published supplementary file(s). For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Virtual Microscope

The journal encourages authors to supplement in-article microscopic images with corresponding high resolution versions for use with the Virtual Microscope viewer. The Virtual Microscope is a web based viewer that enables users to view microscopic images at the highest level of detail and provides

features such as zoom and pan. This feature for the first time gives authors the opportunity to share true high resolution microscopic images with their readers. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/about/content-innovation/virtual-microscope. Authors of this journal will receive an invitation e-mail to create microscope images for use with the Virtual Microscope when their manuscript is first reviewed. If you opt to use the feature, please contact virtualmicroscope@elsevier.com for instructions on how to prepare and upload the required high resolution images. Virtual Microscope The journal encourages authors to supplement in-article microscopic images with corresponding high resolution versions for use with the Virtual Microscope viewer. The Virtual Microscope is a web based viewer that enables users to view microscopic images at the highest level of detail and provides features such as zoom and pan. This feature for the first time gives authors the opportunity to share true high resolution microscopic images with their readers. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/about/content-innovation/virtual-microscope. Authors of this journal will receive an invitation e-mail to create microscope images for use with the Virtual Microscope when their manuscript is first reviewed. If you opt to use the feature, please contact virtualmicroscope@elsevier.com for instructions on how to prepare and upload the required high resolution images.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item. Ensure that the following items are present: One author has been designated as the corresponding author with contact details:

• E-mail address

• Full postal address All necessary files have been uploaded, and contain:

• Keywords

• All figure captions

• All tables (including title, description, footnotes) Further considerations

• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'

• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa

• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet) Printed version of figures (if applicable) in color or black-and-white

• Indicate clearly whether or not color or black-and-white in print is required. For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

AFTER ACCEPTANCE

Use of the Digital Object Identifier The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal Physics Letters B): http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059 When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Online proof correction

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors. If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to

authors, including alternative methods to the online version and PDF. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with 25 free paper offprints, or, alternatively, a personalized link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. This link can also be used for sharing via email and social networks. For an extra charge, more paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/booklets).

Disclaimer

The opinions expressed in the Journal are those of the authors, and not necessarily the Editorial Board or publishers. Ultimate responsibility in use and checking drug doses mentioned in the Journal, and in interpretation of published material lies with the physician concerned. Neither the Editorial Board nor the publishers can accept any liability whatsoever in respect of a claim for damages arising there from.

AUTHOR INQUIRIES

You can track your submitted article at http://www.elsevier.com/track-submission. You can track your accepted article at

http://www.elsevier.com/trackarticle. You are also welcome to contact Customer Support via http://support.elsevier.com.

3. ARTIGO

Rotavirus vaccines effectiveness and genotypes circulating in Latin America after rotavirus vaccine introduction: a systematic review and meta-analysis

Victor Santana Santos, MSc (1)

Daniella Pereira Marques, MD (2)

Paulo Ricardo Saquete Martins-Filho, PhD (1) (3)

Luis Eduardo Cuevas, MTropMed (4)

Ricardo Queiroz Gurgel, PhD (1) (2)

(1) Postgraduate Program in Health Sciences, Federal University of Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brazil. (2) Department of Medicine, Federal University of Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brazil. (3) Department of Health Education, Investigative Pathology Laboratory, Federal University of Sergipe, Lagarto, Sergipe. (4) Liverpool School of Tropical Medicine, Liverpool, United Kingdom.

Corresponding author

Ricardo Q Gurgel

Federal University of Sergipe.

Rua Cláudio Batista s/n – Aracaju – Sergipe – Brasil. Zip code: 49060-108.

E-mail: ricardoqgurgel@gmail.com

Conflict of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Source of Funding: Financial support for this study was received from calls Edital MCTI/CNPq Nº 14/2013 (#471747/2013-0) and Edital MEC/MCTI/CAPES/CNPQ/FAPS - PVE 2014 (#400723/2014-0).

Abstract

Background: We aimed to describe the effectiveness of the vaccines and the frequency of rotavirus strains experienced by Latin America (LA) countries after vaccine introduction.

Methods: We performed a systematic review and meta-analysis of published studies.

Findings: We found a rotavirus incidence of 16.1% (95%CI 13.2-19.3) in LA. G2 was the most prevalent G genotype (51.6%, 95%CI 37.8-65.3), followed by G9 (14.5%, 95%CI 7.4-2.3) and G1 (14.2%, 95%CI 6.9-23.3). Among P genotype, P[4] (54.1%, 95%CI 41.3-66.5), P[8] (33.2%, 95%CI 21.9-45.5), and P[6] (3.9%, 95%CI 1.7-6.7) were the most common. G2P[4] was the most frequently found genotype in most studies. The estimated overall odds ratio was 0.50 (95% CI, 0.43-0.59), indicating a protective efficacy of 50% against infection among vaccinated children after exposure compared with unvaccinated children.

Interpretation: Rotavirus vaccines are effective in preventing rotavirus-diarrhoea in children in LA countries. Surveillance studies after vaccine introduction with detail to rotavirus incidence and rotavirus genotype are essential to assess rotavirus incidence and rotavirus genotype circulation in various settings.

Introduction

Diarrhoea is the second most important cause of childhood death worldwide and rotavirus is the pathogen most frequently associated with severe diarrhoea episodes [1]. More than 90% of the deaths caused by rotavirus occur in low and middle income countries [2] and in Latin America (LA) alone, rotavirus diarrhoea causes >70,000 annual hospitalisations and 15,000 deaths [3].

In 2006, two live-attenuated rotavirus vaccines were licensed [4,5] and in 2009, the World Health Organization (WHO) recommended that rotavirus vaccines be included in the national immunization programmes of countries with high diarrhoea-related child mortality.[6] The two vaccines currently licensed are a pentavalent (G1, G2, G3, G4, P[8]) human–bovine reassortant vaccine (RotaTeq (RV5); Merck, Whitehouse Station, NJ, USA); and a monovalent (G1P[8]) vaccine derived from an attenuated human strain (Rotarix (RV1); GlaxoSmithKline Biologicals, Rixensart, Belgium).

The LA region was among the early adopters of the vaccines. More than 16 countries and one territory in the region have introduced at least one of the vaccines among their national immunization programs and national programs have since reported significant reductions in severe rotavirus-diarrhoea episodes, all-cause diarrhoea-related hospitalizations and ambulatory consultations [7–9]. Early reports also described that a large proportion of rotavirus-diarrhoea episodes were associated with the heterotypic G2P[4] genotype [10,11]. This occurrence could have been a temporal coincidence, as the genotype was circulating in the region in countries with and without rotavirus vaccinations [3]. However its prominence could have been the result of the immunological pressure exerted by the vaccine, which facilitated the selection of genotypes for which the vaccines have lower efficacy [12]. Although similar changes have been reported from Belgium [13], Austria [14] and Australia [15]; a systematic

review concluded that its selection was due to the vaccine selective pressure and that further evidence is needed [16].

The vaccines are being introduced in a much larger number of countries and the initial cohorts of vaccinated children are approaching 10 years of age. This large scale regional experience has resulted in multiple reports to assess their efficacy to reduce severe diarrhoea. However there is a paucity of studies to describe the efficacy of the vaccine to prevent rotavirus infection.

We conducted a systematic review and meta-analysis to describe the effectiveness of the vaccines against rotavirus infection in LA and the frequency of rotavirus genotypes reported after vaccine introduction.

Methods

Search strategy and selection criteria

We conducted a systematic review using PubMed, the Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS) and SCOPUS databases to identify studies published between January 2006 and September 2014 in Portuguese, Spanish and English. Publications were identified using the search terms “rotavirus”, “rotavirus infection” and “rotavirus vaccine” and related terms. The full search strategy is shown in the appendix. Two independent reviewers (VSS and DPM) screened the title and abstract for relevance. Articles considered to have original material were obtained and assessed in detail.

To assess the incidence and rotavirus vaccine effectiveness, we included all observational studies conducted in LA that included children under 12 year-old with symptoms of acute gastroenteritis that had used Enzyme Immune-Assay (EIA) or Enzyme Linked Immune-Assays (ELISA) for the identification of rotavirus. The same

papers were included for the description of genotypes is they had used reverse-transcription polymerase chain reaction (RT-PCR). For the description of strain distribution, we included studies than reported the number of samples tested and the proportions of G and P combinations.

We excluded clinical trials, articles without frequencies or percentages of rotavirus-positive children, those including children with persistent diarrhoea (>2 weeks duration), nosocomial infections, rotavirus B and C infections or limited to outbreaks. Studies conducted before rotavirus vaccine implementation in a country were excluded.

Data extraction

Pre-defined tables for data extraction were developed and piloted with 10 papers. The information extracted from the studies included author, title, journal, publication year, country, start and end dates, study design, sample size, number of rotavirus-positive and negative samples (overall and by vaccination status), age range of participants, study setting (hospital, ambulatory clinics or the community), vaccine type, rotavirus vaccine coverage, rotavirus incidence, genotypes identified and frequency. Stool samples with rotavirus and other pathogens were considered to be rotavirus-positive. Not all studies reported all variables and percentages were calculated using the number of studies reporting each variable as the denominator. The country of the study was classified using the World Bank's classification for economic development [17] to describe the epidemiological context. To assess vaccine effectiveness, we extracted the number of vaccinated and unvaccinated children who had rotavirus.

Assessment of the risk of bias and study quality

The risks of bias and study quality were assessed by two independent reviewers using the Newcastle-Ottawa Scale (NOS) for observational studies. NOS scores ranges from 0

to 9. Scores >6 were considered high quality and ≤6 points were considered low quality. Disagreements were resolved by a third reviewer.

Statistical analyses

Prevalence of rotavirus diarrhoea and genotype distribution

The overall prevalence of laboratory-confirmed rotavirus diarrhoea and the proportion of P and G genotypes were calculated using the variance-stabilizing Freeman-Tukey double-arcsine transformation with an inverse-variance random-effects model [18,19]. For genotypes reported as 0%, a Bayesian estimation was used to make all proportions non-zero by adding 0.5 isolates to the numerator and 1.0 isolates to the denominator in the calculation of all genotype-specific proportions. A Pareto chart was designed to display the strains and cumulative genotype distribution.

The country prevalence was calculated using the arcsine transformation in a random-effects model. For countries with only one study, the prevalence and 95% confidence intervals (95%CI) were calculated according to Newcombe's method [20]. Meta-analysis of single proportions were conducted in RStudio using the "*metafor"* package. The "*rworldmap*", "*maps*", "*mapdata*", "*sp*", and "*maptools*" packages were used for mapping and visualization of rotavirus distribution.

Vaccine effectiveness

The odds ratio (OR) and 95% confidence intervals (CI) were calculated for all studies. The OR was defined as the odds of laboratory-confirmed rotavirus infection in vaccinated patients divided by the odds of laboratory-confirmed rotavirus infection in unvaccinated controls. We expressed the protective effect of the vaccines as the relative odds reduction using the formula [100% x (1-OR)]. The OR was considered to be

adequate in this analysis as the baseline level of rotavirus infection was low and the difference between the OR and the risk ratio is unlikely to be important when the baseline risk is less than 30% [21].

Analysis was performed using the DerSimonian and Laird random effects model [22] and used Forest plots to present the pooled OR and 95%CI. Each study was represented by a square in the plot, proportional to the study's weight in the meta-analysis. Two-sided p-values <0.05 were considered statistically significant. Heterogeneity was investigated by the Cochran Q test using a cut-off of 10% for significance [23] and quantified using the I^2 index [100% x (Q-df)/Q] [24]. L'Abbé's plot was used to demonstrate the dispersion of the individual study results [25] by plotting the observed estimates in the rotavirus vaccine group against the observed estimates in the control group. A Baujat plot was drawn to identify studies as potential sources of heterogeneity and to quantify the contribution of these studies to the pooled OR [26]. Other potential sources of heterogeneity were explored by comparing results grouped according to study-level characteristics and by using meta-regression to assess the significance of the differences. The characteristics explored were the study quality (high *vs* low quality), income (lower- *vs* upper-middle income countries), vaccine (RV1 *vs* RV5), latitude (degrees), and vaccination coverage (percentage). R^2 index was used to quantify the proportion of variance explained by the covariates [24]. The assumptions of normality, independence, and homogeneity of residuals were verified using diagnostic plots.

Publication bias was assessed using funnel plots of the individual estimates in log units against the standard error and regression tests were performed to analyse the plot asymmetry.

Results

The search strategy identified 4,614 records. After screening titles and abstracts, 159 full-text articles were assessed for eligibility, resulting in 46 studies for the full analysis (Figure 1). Of these, 32 (69.6%) were cross-sectional, nine (19.5%) case-control and five (10.9%) cohort studies. Twenty-eight (63.6%) studies were hospital-based, six (13.6%) community-based, five (11.4%) hospital and community-based, three (6.8%) from ambulatory clinics and two (4.5%) did not report the setting. Most studies (93.2%) included only children <5 years old. The full-characteristics of the studies are shown in Appendix 1.

Incidence of rotavirus diarrhoea and genotype distribution

Forty-six studies provided data on the proportion of laboratory-confirmed rotavirus cases (Table S1). Overall, 9,948 (16.1%; 95%CI 13.2-19.3) of 67,048 children were rotavirus-positive with the lowest and highest proportion of rotavirus-positive cases reported in Nicaragua (10.5%, 95%CI 6.3-15.6) and Peru (35.9%, 95%CI 27.8-44.9), respectively. There was high-level heterogeneity across the studies (I^2 = 99.1%, p <0.001). Figure 2 describes the proportion of children with rotavirus-positive diarrhoea by country.

The G and P genotype distributions were available for 5,920 and 5,845 isolates from 39 studies, as shown in Table 1. Most isolates were reported from Brazil, Nicaragua, and Colombia. G2 was the most prevalent G genotype (51.6%, 95%CI 37.8-65.3), followed by G9 (14.5%, 95%CI 17.4-23) and G1 (14.2%, 95%CI 6.9-23.3). The most common P genotypes were P[4] (54.1%, 95%CI 41.3-66.5), P[8] (33.2%, 95%CI 21.9-45.5), and P[6] (3.9%, 95%CI 1.7-6.7).

G2P[4] was the most prevalent G/P combination in Brazil (54.2%, 95%CI 32.8-74.9), Argentina (46.6%, 95%CI 38.9-54.4), Ecuador (50.0%, 95%CI 33.6-66.4) and Colombia (57.3%, 95%CI 27.1-84.8) and the second most common combination in Nicaragua (20.3%, 95%CI 0.2-54.6), Chile (6.8%, 95%CI 4.0-11.3) and Bolivia (28.9%, 95%CI 23.7-34.7). G9P[8] was most frequent in Chile (81.7%, 95%CI 75.6-86.5) and Bolivia (41.8%, 95%CI 35.9-47.9); and the second most frequent combination in Argentina (16.4%, 95%CI 1.3-41.8%), Ecuador (37.5%, 95%CI 22.9-54.8), and Colombia (7.8%, 95%CI 3.0-14.4). G1P[8] (32.9%, 95%CI 6.2-66.7), G9P[4] (100%, 95%CI 80.6-100), and G12P[6] (33.3%, 95%CI 19.2-51.2) were the most predominant genotypes in Nicaragua, Mexico, and Peru, respectively (Figure 3).

Vaccine effectiveness against rotavirus infection

Twenty studies involving 15,980 children were included for the analysis of vaccine effectiveness against infection. These included 2,166 (17.4%) rotavirus-positive cases among 12,465 vaccinated children and 944 (26.9%) rotavirus-positive cases among 3,515 unvaccinated children. The overall OR was 0.50 (95% CI, 0.43-0.59), resulting in an overall vaccine effectiveness against diarrhoea infection of 50%. The effectiveness was similar for RV1 (49%, 95%CI 37.0-58.0; 14 studies) and RV5 (52%, 95%CI 37.0-64.0; 6 studies) (p = 0.71) (Figure 4). There was however significant heterogeneity across studies (p = 0.041) and the inconsistency was moderately large (I^2 = 38.6%) (Suppl Figure S2). The omission of any of the studies did not make significant differences in vaccine effectiveness, suggesting a high stability of the meta-analysis. One study (Justino *et al*) [27] accounted for most of the between-study heterogeneity and its exclusion reduced heterogeneity to I^2 = 22.3% (p = 0.185).

The type of vaccine used, country income, and vaccination coverage did not explain the heterogeneity observed (adjusted R^2 = 0%), while latitude (adjusted R^2 = 14.6%) and study quality (adjusted R^2 = 48.2%) were the major sources of heterogeneity.

All studies were in middle income countries. Lower- and upper-middle income countries had no difference in vaccine effectiveness (p = 0.614). Vaccine effectiveness in upper-middle income countries (Argentina[28], Brazil[8,10,27,29–34], Mexico [35], and Venezuela [36]) was 47% (95%CI 32.0-59.0) and in lower-middle income countries 52% (95%CI 40.0-61.0) (Bolivia [37], El Salvador [38], and Nicaragua [39–44]) .

Protection against rotavirus infection was associated with latitude (18 studies). Studies below 10º latitude reported no evidence of protection (OR 0.91, 95% CI 0.45-1.86) and at 20º and 30º latitude, vaccine effectiveness increased to 64.3% (95% CI 42.9-77.7) and 77.7% (95% CI 38-92), respectively. However the associations were not statistically significant. The vaccination coverage reported ranged from 65.0% to 98.0%. The vaccines protective effect ranged from 47.5% (95% CI 8.1-70.0) to 50.8% (95% CI 33.2-63.6) increasing by approximately 1% for every 10% increase in vaccination coverage, but this correlation was not statistically significant (p = 0.871).

Vaccine effectiveness in low quality studies (55.4%, 95% CI 47.6-62.1; 8 studies) was higher than in the high quality studies (38%, 95% CI 20.3-51.7; 12 studies) (p = 0.03), but the funnel plot and regression test for asymmetry suggested that there was no evidence of publication bias (p = 0.553) (Suppl Figure S3).

Discussion

Rotavirus-related diarrhoea is still an important public health problem in low- and middle-income countries and the early and widespread use of the vaccines in LA has resulted in a large number of studies and samples analysed, providing an excellent

opportunity for their post-licensure evaluation. This meta-analysis estimated that rotavirus vaccines prevent about 50% of rotavirus-diarrhoea infections in LA, and that both vaccines (RV1 and RV5) had similar effectiveness.

The clinical trials conducted for the registration of the vaccines included a large number of children from middle- and high-income countries from Europe, North America and LA and their main end-points focused on severe diarrhoea episodes and hospitalization. Their efficacy against severe rotavirus-diarrhoea ranged from 85% to 98% and rotavirus-associated hospitalization ranged from 85% to 94% [4,5]. In the same trials, vaccine efficacy for hospital admission for diarrhoea of any cause was 39%, but data on the efficacy of the vaccines to reduce infections was not reported [45].

The efficacy of the RV1 vaccine in low-income African countries is lower [46,47], suggesting that the efficacy may vary by setting or geographical location, although the causes for these variation are currently unexplained. The vaccine effectiveness against rotavirus infection of 50% may explain the large reduction in clinic consultations other than in hospitals reported by several studies and provides a measure of the potential impact of the vaccine on rotavirus infection when implemented under routine conditions.

Despite the vaccine effectiveness of 50%, the use of these vaccines were considered as important interventions for the prevention of severe rotavirus episodes and rotavirus deaths in children aged <5 years. In perspective, it is estimated that from 2007 to 2025, universal vaccination could result in >16,000 fewer deaths due to rotavirus and 141 medical visits averted for every 1000 children vaccinated in LA countries [48].

Overall, our findings showed a decrease in the proportion of diarrhoea infections caused by rotavirus in the post-vaccine era and highlights the large impact that rotavirus vaccinations have on rotavirus-diarrhoea disease, with the proportion of children with

rotavirus infections being 16% (range, 11.2% to 35.9%), which was lower than the proportion of children with rotavirus reported before vaccination introduction (range 24%-47%).[3,49,50] However, the proportion of diarrhoea episodes caused by rotavirus varied considerably among countries. Such finding may be explained by some reasons. First, the setting of the studies and the case definitions of acute diarrhoea varied across the studies; second, some countries were represented by only one study or were conducted very early after vaccine introduction, which complicates the interpretation of the data.

It is well established that rotavirus genotypes before introduction of the vaccines varied over time and the peak frequency of a strain was often followed by a trough and replacement by a different genotype mixture [51]. Circulating strains also differed across regions during a given period. The strains most commonly found in LA were G1P[8], G9P[8] and in a lower proportion G2P[4], which are similar to the most frequent genotypes reported worldwide [3,51,52]. After the introduction of the vaccines, a high proportion of studies reported that the highest number of cases was due to the G2P[4] strain, especially in countries that adopted the RV1 vaccine. Similar changes were observed in Oceania[15] and Europe[13,14,53]. In contrast, Latin American countries, that had not adopted the rotavirus vaccination into their national immunization programs up to 2012 (e.g. as Cuba, Panama, Costa Rica and Dominican Republic) reported that the G9P[8] (>75%) strain was the most frequently genotype circulating among their children with diarrhoea [54,55].

A recent meta-analysis reported that the protection against G2P[4] strain was lower in LA (39%) and Europe (58%) compared with homotypic and partly-heterotypic strains (>80%) [16], suggesting the possibility that the RV1 vaccine exerted immunological pressure [56]. However, a more recent study in Brazil reported a decrease of G2P[4]

incidence from 2011 onwards and that others genotypes, such as G8P[4], G8P[6] and G3P[8] had become more frequent, while G2P[4] has decreased significantly therefore suggesting that whatever the mechanism underlying these changes, it is likely that genotype variation is likely to continue after vaccine introduction [57].

Our results should be treated with caution. The methods used to obtain data may not have been uniform across studies, while in some places rotavirus incidence and genotype distribution were based in a single study for six countries. Furthermore, countries who have not adopted the vaccine on a large scale, such as Chile and Argentine, allow their use by private practitioners, which may provide services to a substantial proportion of their middle income populations. We were also unable to demonstrate vaccine effectiveness by age categories or diarrhoea severity, because information on age was not available. Finally, few studies reported data per year, restricting our ability to describe strain trends over time.

In conclusion, post-licensure studies have reported that rotavirus vaccines are effective in preventing rotavirus infection in substantial numbers of under 5 years-old children in LA. This evidence strengthens the importance of these vaccines as an effective intervention for reducing the burden of diarrhoea and on rotavirus-specific diarrhoea. Despite these findings, continued surveillance after vaccine introduction is needed to describe the long term rotavirus incidence and rotavirus genotype distribution to monitor the impact of the vaccines and the potential emergence of heterotypic strains.

References

1. Lanata CF, Fischer-Walker CL, Olascoaga AC, Torres CX, Aryee MJ, Black RE. Global Causes of Diarrheal Disease Mortality in Children <5 Years of Age: A Systematic Review. *PLoS One* 2013; **8**:e72788.

2. Bryce J, Boschi-Pinto C, Shibuya K, Black RE. WHO estimates of the causes of death in children. *Lancet* 2005 **365**:1147–52.

3. Linhares AC, Stupka JA, Ciapponi A, et al. Burden and typing of rotavirus group A in Latin America and the Caribbean: Systematic review and meta-analysis. *Rev Med Virol* 2011; **21**:89–109.

4. Vesikari T, Matson DO, Dennehy P, et al. Safety and efficacy of a pentavalent human-bovine (WC3) reassortant rotavirus vaccine. *N Engl J Med* 2006; **354**:23–33.

5. Ruiz-Palacios GM, Pérez-Schael I, Velázquez FR, et al. Safety and efficacy of an attenuated vaccine against severe rotavirus gastroenteritis. *N Engl J Med* 2006;**354**:11–22.

6. World Health Organizations (WHO). Rotavirus vaccines WHO position paper: January 2013 - Recommendations. *Vaccine* 2013;**31**:6170–6171.

7. do Carmo GMI, Yen C, Cortes J, et al. Decline in diarrhea mortality and admissions after routine childhood rotavirus immunization in Brazil: a time-series analysis. *PLoS Med* 2011; **8**:e1001024.

8. Gurgel RG, Bohland AK, Vieira SCF, et al. Incidence of rotavirus and all-cause diarrhea in northeast Brazil following the introduction of a national vaccination program. *Gastroenterology* 2009; **137**:1970–5.

9. Rha B, Tate JE, Payne DC, et al. Effectiveness and impact of rotavirus vaccines in the United States - 2006-2012. Expert Rev. *Vaccines* 2014; **13**:365–76.

10. Gurgel RQ, Cuevas LE, Vieira SCF, et al. Predominance of rotavirus P[4]G2 in a vaccinated population, Brazil. *Emerg Infect Dis* 2007; **13**:1571–3.

11. Gurgel RQ, Correia JB, Cuevas LE. Effect of rotavirus vaccination on circulating virus strains. *Lancet* 2008; **371**:301–2.

12. Matthijnssens J, Nakagomi O, Kirkwood CD, Ciarlet M, Desselberger U, Van Ranst M. Group A rotavirus universal mass vaccination: how and to what extent will selective pressure influence prevalence of rotavirus genotypes? *Expert Rev Vaccines* 2012; **11**:1347–54.

13. Zeller M, Rahman M, Heylen E, et al. Rotavirus incidence and genotype distribution before and after national rotavirus vaccine introduction in Belgium. *Vaccine* 2010; **28**:7507–7513.

14. Paulke-Korinek M, Kundi M, Rendi-Wagner P, et al. Herd immunity after two years of the universal mass vaccination program against rotavirus gastroenteritis in Austria. *Vaccine* 2011; **29**:2791–2796.

15. Wang H, Menzies R, Macartney K. Changes in hospitalisations for acute gastroenteritis in Australia after the national rotavirus vaccination program. *Med J Aust* 2012; **197**:453–457.

16. Leshem E, Lopman B, Glass R, et al. Distribution of rotavirus strains and strain-specific effectiveness of the rotavirus vaccine after its introduction: a systematic review and meta-analysis. *Lancet Infect Dis* 2014; **3099**:1–10.

17. The World Bank. Country and Lending Groups | Data. 2014. Available at: http://data.worldbank.org/about/country-and-lending-groups. Accessed 23 February 2015.

18. Freeman MF, Tukey JW. Transformations Related to the Angular and the Square Root. *Ann Math Stat*. 1950; **21**:607–611.

19. Miller JJ. The Inverse of the Freeman – Tukey Double Arcsine Transformation. *Am Stat* 1978; **32**:138.

20. Newcombe RG. Two-sided confidence intervals for the single proportion: comparison of seven methods. *Stat Med* 1998; **17**:857–72.

21. Prasad K, Jaeschke R, Wyer P, Keitz S, Guyatt G. Tips for teachers of evidence-based medicine: understanding odds ratios and their relationship to risk ratios. *J Gen Intern Med* 2008; **23**:635–40.

22. Borenstein M, Hedges LV, Higgins JPT, Rothstein HR. A basic introduction to fixed-effect and random-effects models for meta-analysis. *Res Synth Methods* 2010; **1**:97–111.

23. Cochran WG. The Combination of Estimates from Different Experiments. *Biometrics* 1954; **10**:101.

24. Higgins JPT, Thompson SG. Quantifying heterogeneity in a meta-analysis. *Stat Med* 2002; **21**:1539–58.

25. Song F. Exploring heterogeneity in meta-analysis: is the L'Abbé plot useful? *J Clin Epidemiol* 1999; **52**:725–30.

26. Baujat B, Mahé C, Pignon JP, Hill C. A graphical method for exploring heterogeneity in meta-analyses: application to a meta-analysis of 65 trials. *Stat Med* 2002; **21**:2641–52.

27. Justino MCA, Linhares AC, Lanzieri TM, et al. Effectiveness of the monovalent G1P[8] human rotavirus vaccine against hospitalization for severe G2P[4] rotavirus gastroenteritis in Belém, Brazil. *Pediatr Infect Dis J* 2011; **30**:396–401.

28. García Roig C, Larre N, Pastene H, et al. Epidemiological and clinical characteristics of acute gastroenteritis according to their etiology (rotavirus or other) in children younger than 5 years old at a private institution in the city of Buenos Aires. *Arch Argent Pediatr* 2013; **111**:218–23.

29. Carvalho-Costa FA, Araújo IT, Santos de Assis RM, et al. Rotavirus genotype distribution after vaccine introduction, Rio de Janeiro, Brazil. *Emerg Infect Dis* 2009; **15**:95–7.

30. Correia JB, Patel MM, Nakagomi O, et al. Effectiveness of monovalent rotavirus vaccine (Rotarix) against severe diarrhea caused by serotypically unrelated G2P[4] strains in Brazil. *J Infect Dis* 2010; **201**:363–369.

31. Silva ML da, Souza JR de, Melo MMM de. [Rotavirus prevalence in infants and children in the public healthcare system of the state of Pernambuco]. *Rev Soc Bras Med Trop* 2010; **43**:548–51.

32. Borges AMT, Dias e Souza M, Fiaccadori FS, Cardoso D das D de P. Monitoring the circulation of rotavirus among children after the introduction of the Rotarix™ vaccine in Goiânia, Brazil. *Mem Inst Oswaldo Cruz* 2011; **106**:499–501.

33. Vieira SCF, Gurgel RQ, Kirby A, et al. Acute diarrhoea in a community cohort of children who received an oral rotavirus vaccine in Northeast Brazil. *Mem Inst Oswaldo Cruz* 2011; **106**:330–4.

34. Sandra CA, Estevam GK, Penati M, et al. Detection of rotavirus in children with acute gastroenteritis in Porto Velho, Rondonia, Brazil. *Arch Virol* 2014; **159**:1139–42.

35. Yen C, Figueroa JR, Uribe ES, et al. Monovalent rotavirus vaccine provides protection against an emerging fully heterotypic G9P[4] rotavirus strain in Mexico. *J Infect Dis* 2011; **204**:783–6.

36. Maldonado A, Franco MC, Blanco A, et al. Clinical and epidemiological characteristics of rotavirus infection in children of Cumaná, Venezuela. *Invest Clin* 2010; **51**:519–529.

37. Patel MM, Patzi M, Pastor D, et al. Effectiveness of monovalent rotavirus vaccine in Bolivia: case-control study. *BMJ* 2013; **346**:f3726.

38. Palma O, Cruz L, Ramos H, et al. Effectiveness of rotavirus vaccination against childhood diarrhoea in El Salvador: case-control study. *BMJ* 2010; **340**:c2825.

39. Patel M, Pedreira C, de Oliveira LH, et al. Association between pentavalent rotavirus vaccine and severe rotavirus diarrhea among children in Nicaragua. *JAMA* 2009; **301**:2243–51.

40. Becker-Dreps S, Paniagua M, Zambrana LE, et al. Rotavirus prevalence in the primary care setting in Nicaragua after universal infant rotavirus immunization. *Am J Trop Med Hyg* 2011; **85**:957–60.

41. Mast TC, Khawaja S, Espinoza F, et al. Case-control Study of the Effectiveness of Vaccination With Pentavalent Rotavirus Vaccine in Nicaragua. *Pediatr Infect Dis J* 2011; **30**:e209–e215.

42. Bucardo F, Rippinger CM, Svensson L, Patton JT. Vaccine-derived NSP2 segment in rotaviruses from vaccinated children with gastroenteritis in Nicaragua. *Infect Genet Evol* 2012; **12**:1282–94.

43. Patel M, Pedreira C, de Oliveira LH, et al. Duration of Protection of Pentavalent Rotavirus Vaccination in Nicaragua. *Pediatrics* 2012; **130**:e365–e372.

44. Bucardo F, Reyes Y, Svensson L, Nordgren J. Predominance of norovirus and sapovirus in Nicaragua after implementation of universal rotavirus vaccination. *PLoS One* 2014; **9**:e98201.

45. Linhares AC, Velázquez FR, Pérez-Schael I, et al. Efficacy and safety of an oral live attenuated human rotavirus vaccine against rotavirus gastroenteritis during the first 2 years of life in Latin American infants: a randomised, double-blind, placebo-controlled phase III study. *Lancet* 2008; **371**:1181–9.

46. Cunliffe NA, Witte D, Ngwira BM, et al. Efficacy of human rotavirus vaccine against severe gastroenteritis in Malawian children in the first two years of life: a randomised, double-blind, placebo controlled trial. *Vaccine* 2012; **30**:1–16.

47. Madhi SA., Kirsten M, Louw C, et al. Efficacy and immunogenicity of two or three dose rotavirus-vaccine regimen in South African children over two consecutive rotavirus-seasons: A randomized, double-blind, placebo-controlled trial. *Vaccine* 2012; 30:44–51.

48. Atherly D, Dreibelbis R, Parashar UD, Levin C, Wecker J, Rheingans RD. Rotavirus vaccination: cost-effectiveness and impact on child mortality in developing countries. *J Infect Dis* 2009; **200** Suppl :S28–38.

49. de Oliveira LH, Danovaro-Holliday MC, Andrus JK, et al. Sentinel hospital surveillance for rotavirus in latin american and Caribbean countries. *J Infect Dis* 2009; **200** Suppl :S131–S139.

50. Kane EM, Turcios RM, Arvay ML, Garcia S, Bresee JS, Glass RI. The epidemiology of rotavirus diarrhea in Latin America. Anticipating rotavirus vaccines. *Rev Panam Salud Publica* 2004; **16**:371–7.

51. Santos N, Hoshino Y. Global distribution of rotavirus serotypes/genotypes and its implication for the development and implementation of an effective rotavirus vaccine. *Rev Med Virol* 2005; **15**:29–56.

52. Gurgel RQ, Cunliffe NA, Nakagomi O, Cuevas LE. Rotavirus genotypes circulating in Brazil before national rotavirus vaccination: a review. *J Clin Virol* 2008; **43**:1–8.

53. Matthijnssens J, Zeller M, Heylen E, et al. Higher proportion of G2P[4] rotaviruses in vaccinated hospitalized cases compared with unvaccinated hospitalized cases, despite high vaccine effectiveness against heterotypic G2P[4] rotaviruses. *Clin Microbiol Infect* 2014; **20**:O702–10.

54. Bourdett-Stanziola L, Jiménez C, Ortega-Barria E. Diversity of human rotavirus G and P genotypes in Panama, Costa Rica, and the Dominican Republic. *Am J Trop Med Hyg* 2008; **79**:921–924.

55. Ribas M de los A, Nagashima S, Calzado A, et al. Emergence of G9 as a predominant genotype of human rotaviruses in Cuba. *J Med Virol* 2011; **83**:738–744.

56. Nakagomi T, Cuevas LE, Gurgel RG, et al. Apparent extinction of non-G2 rotavirus strains from circulation in Recife, Brazil, after the introduction of rotavirus vaccine. Arch Virol 2008; **153**:591–3.

57. Gurgel RQ, Alvarez ADJ, Rodrigues A, et al. Incidence of Rotavirus and Circulating Genotypes in Northeast Brazil during 7 Years of National Rotavirus Vaccination. *PLoS One* 2014; **9**:e110217.

Table 1. Rotavirus G and P genotype distribution in Latin America, 2006-2014.

Genotype	Isolates (n)	Proportion (%)	95%CI
G1	1501	14.2	6.9-23.3
G2	3170	51.6	37.8-65.3
G3	335	3.6	1.7-6.0
G4	97	0.3	0.0-0.8
G5	33	0.0	0.0-0.2
G8	29	0.0	0.0-0.04
G9	703	14.5	7.4-23.0
G10	1	0.0	0.0-0.2
G12	50	0.8	0.1-1.9
G un-typeable	90	1.2	0.2-2.6
P[4]	3208	54.1	41.3-66.5
P[6]	327	3.9	1.7-6.7
P[8]	2265	33.2	21.9-45.5
P[9]	1	0.0	0.0-0.1
P[10]	5	0.0	0.0-0.2
P un-typeable	111	2.2	0.8-4.2

The proportions of genotypes were calculated by using random-effects model.

Figure 1. Flow diagram of study selection.

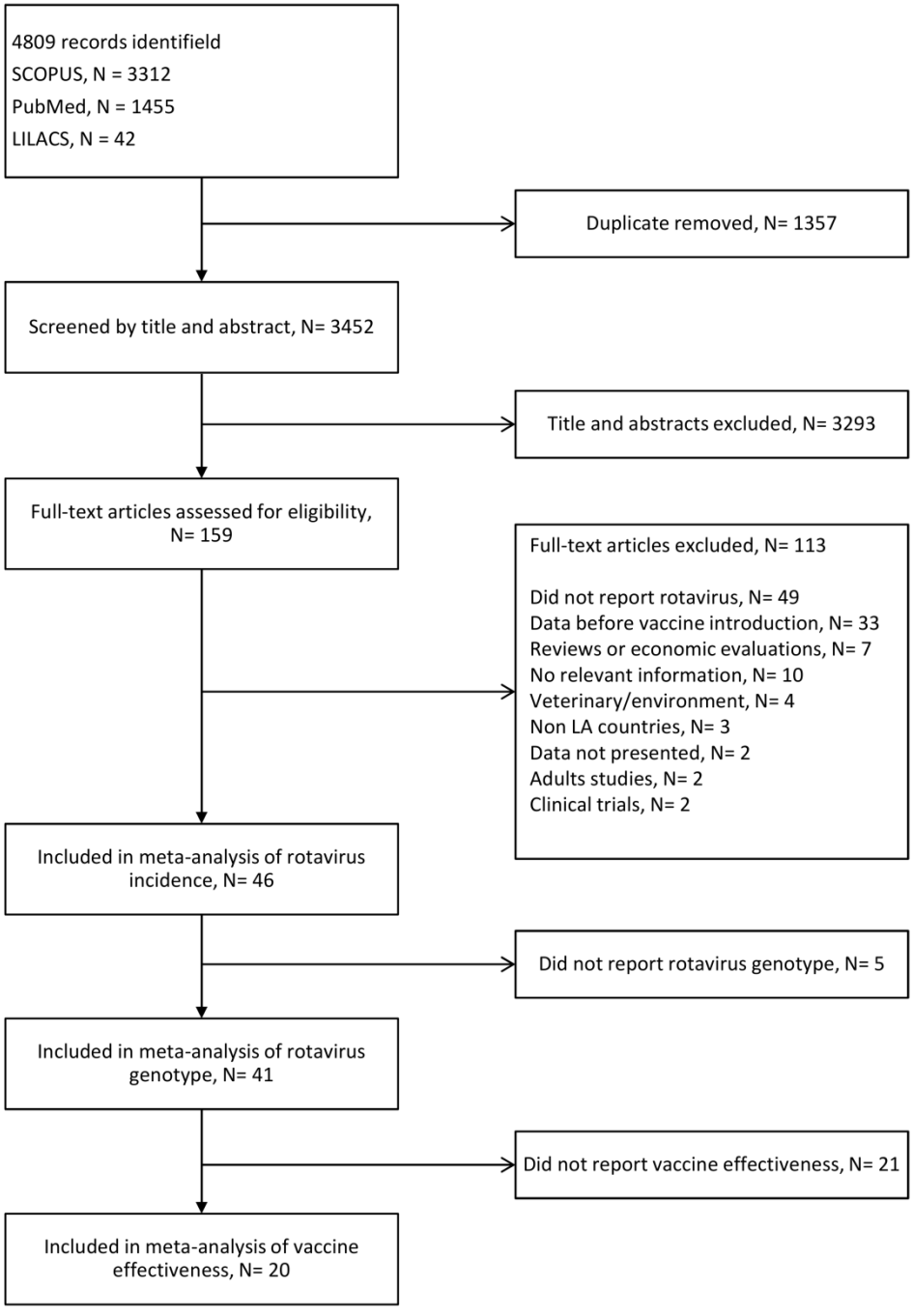


Figure 2. Proportion of children with rotavirus diarrhoea in Latin America, 2006-2014

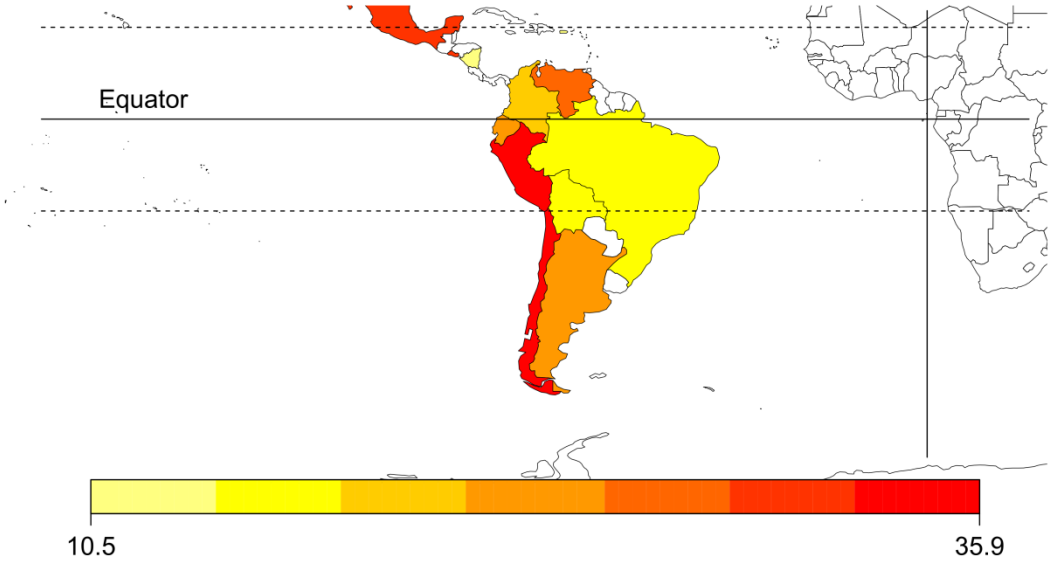


Figure 3. Geographical areas in which rotavirus genotypes are prevalent

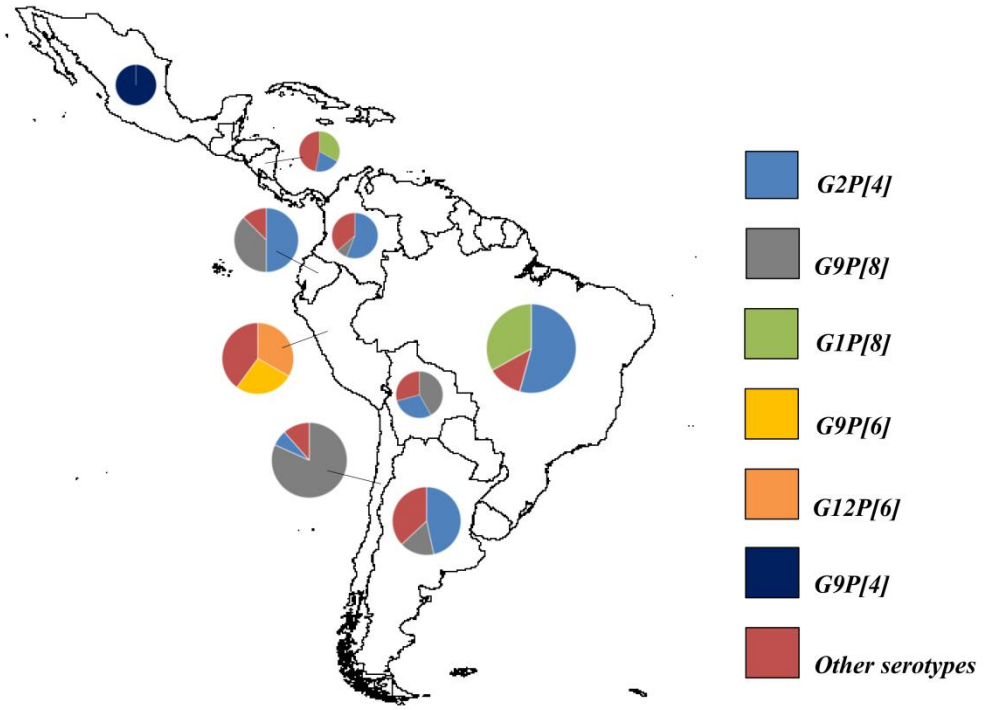
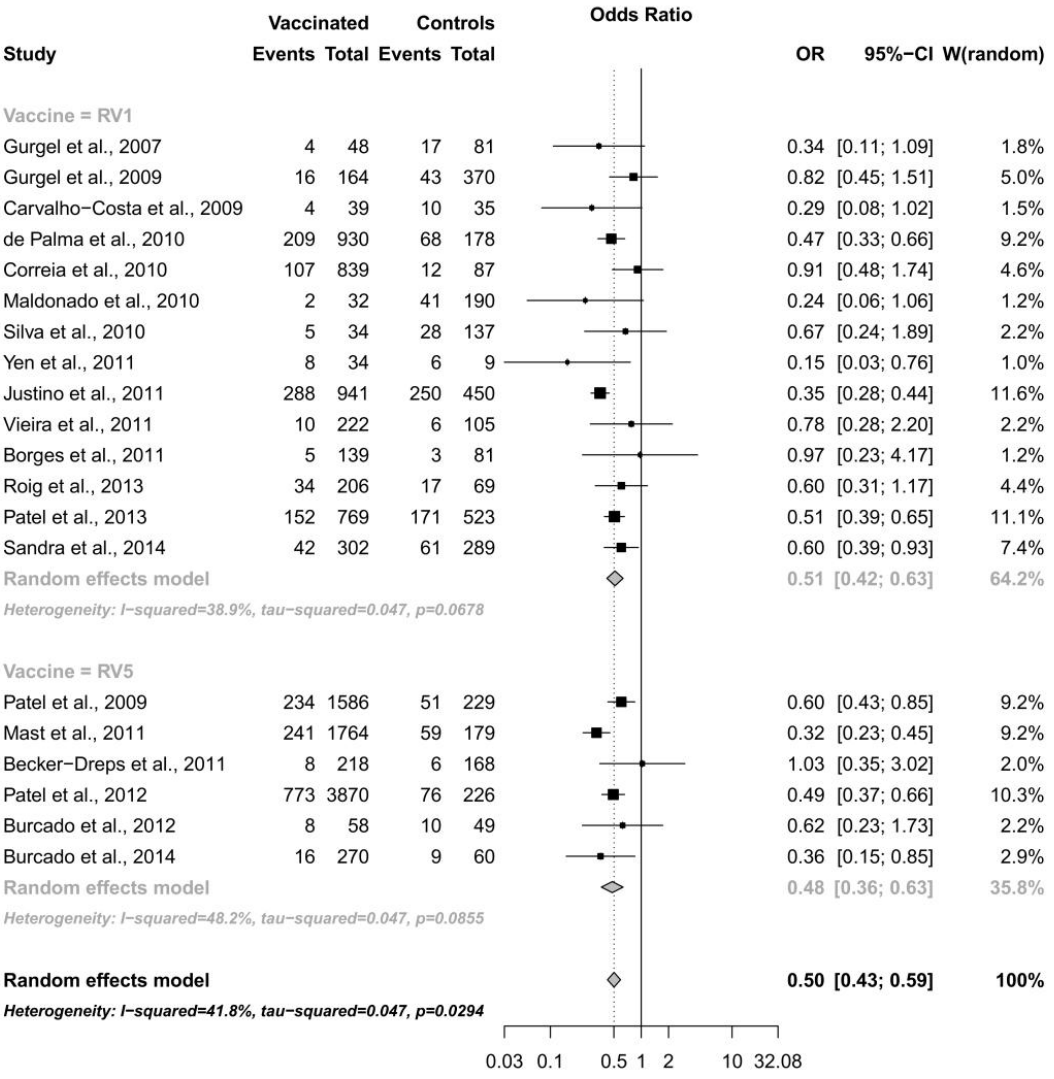


Figure 4. Forest plot of rotavirus vaccine effectiveness against rotavirus infection



Supplementary appendix

Search strategy PubMed

Search	Query	Itens found
#1	Search "Rotavirus"[MeSH] OR (rotaviruses) OR (neonatal calf diarrhoea virus) OR "Rotavirus Infections"[MeSH] (infection, rotavirus) OR (infections, rotavirus) OR (rotavirus infection) AND "Rotavirus Vaccines"[MeSH] OR (vaccines, rotavirus)	2,762
#2	Search "Rotavirus"[MeSH] OR (rotaviruses) OR (neonatal calf diarrhoea virus) OR "Rotavirus Infections"[MeSH] (infection, rotavirus) OR (infections, rotavirus) OR (rotavirus infection) AND "Rotavirus Vaccines"[MeSH] OR (vaccines, rotavirus) Filters: Humans	2,232
#3	Search "Rotavirus"[MeSH] OR (rotaviruses) OR (neonatal calf diarrhoea virus) OR "Rotavirus Infections"[MeSH] (infection, rotavirus) OR (infections, rotavirus) OR (rotavirus infection) AND "Rotavirus Vaccines"[MeSH] OR (vaccines, rotavirus) Filters: Publication date from 2006/01/01 to 2014/09/13; Humans	**1,455**

Search strategy SCOPUS

Search	Query	Itens found
#1	(title-abs-key (rotavirus) or title-abs-key (rotavirus infections) and title-abs-key (rotavirus vaccines)) and pubyear > 2004 and pubyear < 2015	3,494
#2	title-abs-key (rotavirus) and pubyear > 2005 and pubyear < 2015	6,935
#3	title-abs-key (rotavirus) or title-abs-key (rotavirus infections) and title-abs-key (rotavirus vaccines)) and pubyear > 2005 and pubyear < 2015	**3,312**

Search strategy LILACS

Search	Query	Itens

		found
#1	(mh:"Rotavirus") OR (mh: B04.820.630.790$) OR (mh: B04.909.777.714.790$) OR (mh: SP4.011.107.268.444.755$) OR (mh:“Infecções por Rotavirus”) OR (mh:” Rotavirus Infections”) OR (mh:“Infecciones por Rotavirus”) OR (mh:C02.782.791.814$)) AND ((mh:“Vacinas contra Rotavirus”) OR (vacinas) OR (vacinas candidatas usadas para prevenir infecção com Rotavirus) OR (mh:“Rotavirus Vaccines”) OR (mh:“Vacunas contra Rotavirus”) OR (mh:D20.215.894.899.760$))	**42**

Table S1. Study categorization

Study	Year of publication	Period	Country	Type of study	Setting	Sample size	Rotavirus-positive	NOS	Rotavirus incidence analysis	Rotavirus genotype analysis	Rotavirus vaccine effectiveness analysis
Upper middle-income, RV1											
Gurgel, 2007	2007	2006-07	Brazil	CS	H	129	21	8	Y	Y	Y
Nakagomi, 2008	2008	2006-07	Brazil	CS	H	470	70	8	Y	Y	N
Carvalho-Costa, 2009	2009	2006-07	Brazil	CS	H	197	46	8	Y	Y	Y
Gurgel, 2009	2009	2006-08	Brazil	CS	H	534	59	9	Y	Y	Y
Munford, 2009	2009	2006	Brazil	CS	H	402	191	9	Y	N	N
Correia, 2010	2010	2006-08	Brazil	CS	H	926	119	8	Y	Y	Y
Esteban, 2010	2010	2006-07	Argentina	CS	H	292	49	9	Y	Y	N
Maldonado, 2010	2010	2006-07	Venezuela	CS	H	241	47	6	Y	N	Y
Marillo, 2010	2010	2006-08	Brazil	CS	-	62	13	4	Y	Y	N
Mascarenhas, 2010	2010	2006-08	Brazil	CS	H	241	16	6	Y	Y	N
Nunes, 2010	2010	2006-07	Brazil	CS	C	124	31	8	Y	Y	N
Sáfadi, 2010	2010	2006-08	Brazil	CS	H	204	36	8	Y	Y	N
Silva, 2010	2010	2007-08	Brazil	CS	H	171	33	4	Y	Y	Y
Borges, 2011	2011	2008	Brazil	CS	C	220	8	9	Y	Y	Y
Carvalho-Costa, 2011	2011	2006-09	Brazil	CS	H	4817	908	9	Y	Y	N
Cilli, 2011	2011	2006-09	Brazil	CS	A	320	80	7	Y	Y	N
Gómez, 2011	2011	2006-09	Brazil	CS	H	75	75	8	Y	Y	N
Justino, 2011	2011	2008-09	Brazil	CC	H	1391	538	7	Y	Y	Y
Vieira, 2011	2011	2006-08	Brazil	CH	C	444	16	7	Y	Y	Y
Yen, 2011	2011	2010	Mexico	CC	H	56	16	8	Y	Y	Y
Dulgheroff, 2012	2012	2007-10	Brazil	CS	H+A	630	76	7	Y	Y	N

O'Ryan, 2012	2012	2009-10	Chile	CH	H	967	296	8	Y	Y	N
Assis, 2013	2013	2006-11	Brazil	CS	A	529	54	7	Y	Y	N
Gómez, 2013	2013	2009-10	Brazil	CS	H	6	6	6	Y	Y	N
Lopman, 2013	2013	2011-12	Ecuador	CC	C	404	76	7	Y	Y	N
Pereira, 2013	2013		Brazil			198	30	5	Y	Y	N
Roig, 2013	2013	2009-10	Argentina	CS	H	275	51	9	Y	Y	Y
Cotes-Cantillo, 2014	2014	2011-13	Colombia	CC	A	1051	193	6	Y	Y	N
Espejo, 2014	2014	2012-12	Peru	CH	H	117	42	8	Y	Y	N
Ichiara, 2014	2014	2008-11	Brazil	CC	H	2176	215	7	Y	Y	N
Mandile, 2014	2014	2008-11	Argentina	CS	H	663	139	9	Y	Y	N
Peláez-Carvajal, 2014	2014	2008-12	Colombia	CS	H	467	467	6	Y	Y	N
Sandra, 2014	2014	2006-08	Brazil	CS	-	591	103	7	Y	Y	Y
Soares, 2014	2014	2011-12	Brazil	CH	H	764	263	4	Y	Y	N
Lower middle-income, RV1											
de Palma, 2010	2010	2007-09	El Salvador	CC	H+C	2061	323	6	Y	Y	Y
Patel, 2011	2011	2006-09	El Salvador	CS	H	8287	1635	7	Y	N	N
Patel, 2013	2013	2010-11	Bolivia	CS	H+C	2318	400	7	Y	Y	Y
Lower middle-income, RV5											
Patel, 2009	2009	2007-08	Nicaragua	CC	H	1615	285	6	Y	Y	Y
Becker-Dreps, 2011	2011	2008-09	Nicaragua	CS	C	392	14	9	Y	Y	Y
Mast, 2011	2011	2007-09	Nicaragua	CC	H+C	6174	1082	7	Y	Y	Y
Bucardo, 2012	2012	2010-10	Nicaragua	CS	H	107	18	9	Y	Y	Y
García-Puebla, 2012	2012	2007-08	Puerto Rico	CS	H	7686	1199	3	Y	N	N
Patel, 2012	2012	2007-10	Nicaragua	CC	H	11573	1016	6	Y	Y	Y
Becker-Dreps, 2014	2014	2010-11	Nicaragua	CH	C	826	18	8	Y	Y	N

Bucardo, 2014	2014	2009-10	Nicaragua	CS	H+C	330	25	8	Y	Y	Y
Khawaja, 2014	2014	2007-09	Nicaragua	CS	H	6064	1082	6	Y	Y	N

RV1= Rotarix vaccine; RV5= Rotateq vaccine; CS= cross-sectional study; CC= case-control study; CH= cohort study; NOS= New Castle-Ottawa scale; H= hospital; C= community; A= ambulatory.

Figures

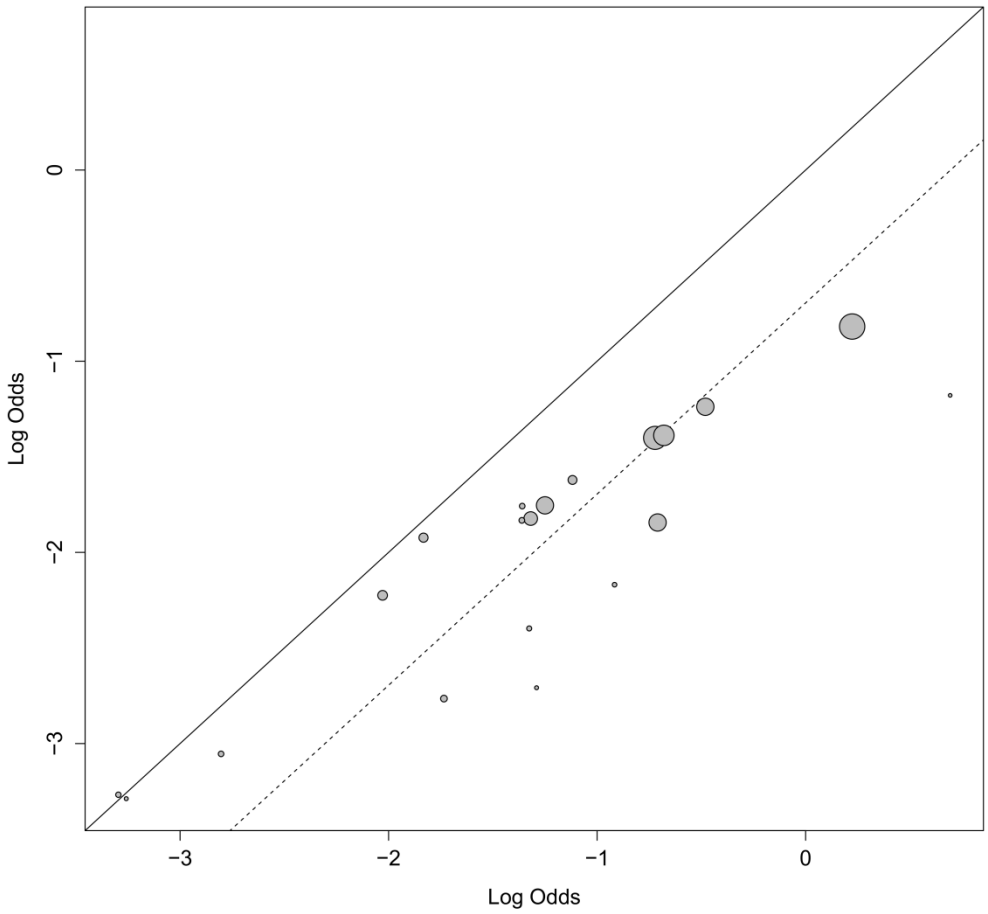


Figure S1. L'Abbé plot for estimates of rotavirus infection in the vaccine (x axis) and control (y axis) group. Circles on the solid diagonal line represent studies where the odds of infection did not differ between the two groups. Circles below the solid line represent studies where the effect measure was lower in the vaccine group. The dashed line indicates the pooled estimate based on the fitted model. The size of the circles is drawn proportional to the study size.

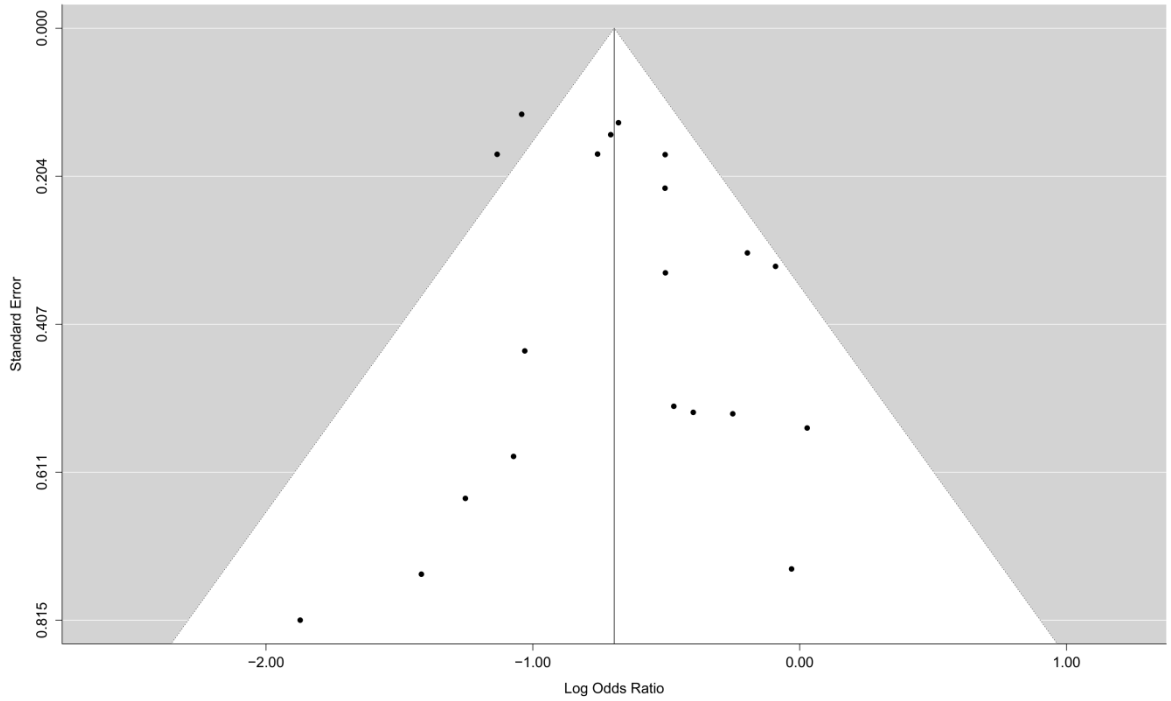


Figure S2. Funnel plot of natural logarithm of OR against the standard error in each study.